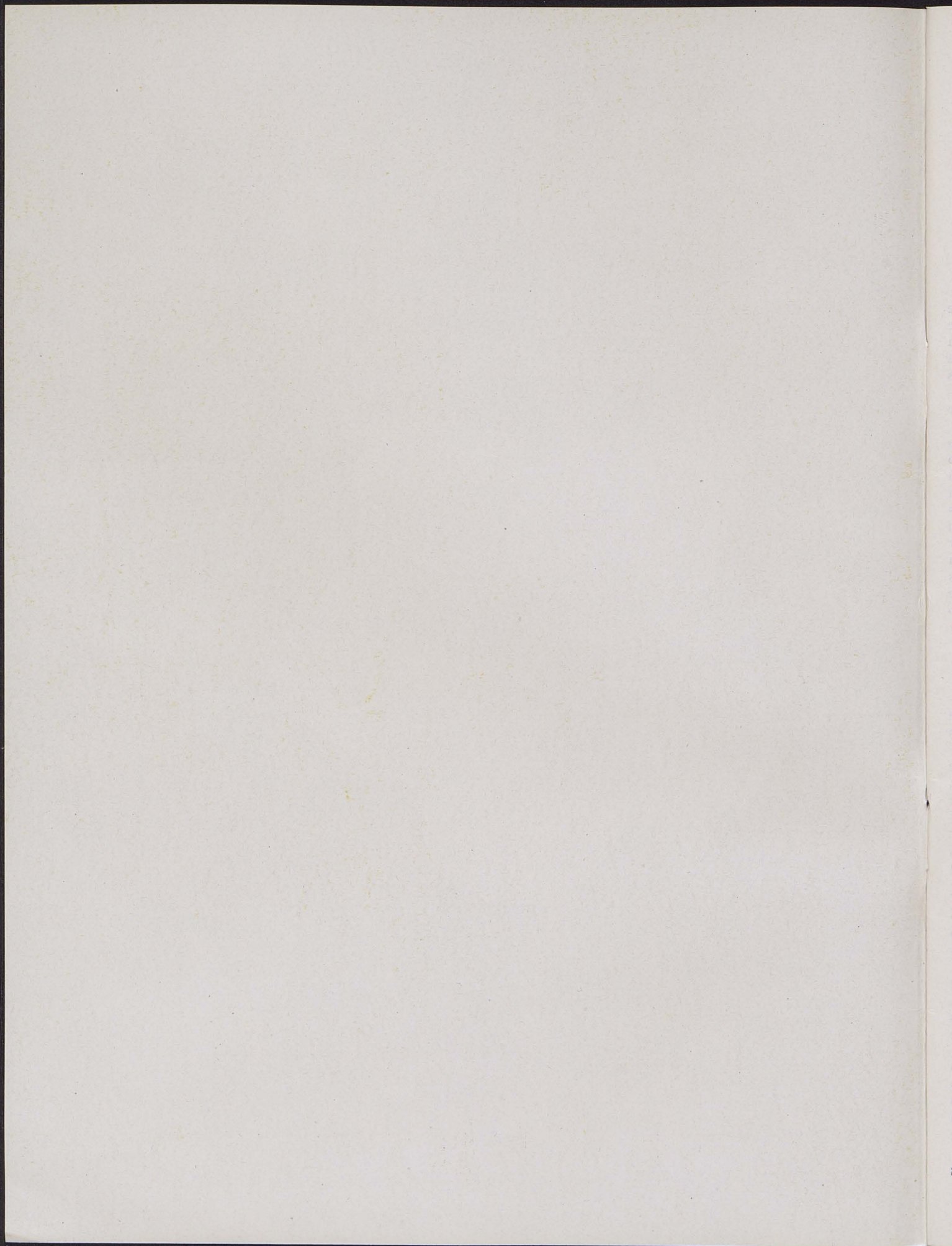




A LIAHONA

Setembro de 1966



A LIAHONA

Editor:

Hélio da Rocha Camargo

Redatôra:

Lais N. Manzotti

Fotógrafos:

Wayne M. Beck
Rui Marques Bronze

Tradutores:

Francisco Máximo C. da Silva
José Vieira Neto
Merly Pikel
Regina Kauag
Tereza Cristina da Rocha Costa

*

A Revista *A Liahona*, editada pelo Centro Editorial Brasileiro, é o órgão oficial em língua portuguesa da estaca e missões brasileiras de *A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*. Acha-se registrada sob número 93 do Livro B, nº 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme Decreto nº 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Editôra Gráfica Rossolillo Ltda. — Rua Rui Barbosa, 333, São Paulo.

*

Centro Editorial Brasileiro: R. Afonso Braz, 464, 3º, cj. 31 — São Paulo, SP.
Missão Brasileira: R. Henrique Monteiro, 215 — C.P. 862, São Paulo, SP. — fone 80-4638.

Missão Brasileira do Sul: R. General Carneiro, 490 — C.P. 778, Curitiba — PR — fone 4-8016.

*

Os artigos desta edição foram traduzidos de *The Improvement Era*, *The Instructor*, *The Relief Society Magazine* e *The Children's Friend*.

*

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pelo editor.

*

PREÇOS:

Brasil: Ano Cr\$ 3.000
Exterior: Ano US\$ 4.00
Exemplar: Cr\$ 300

SETEMBRO DE 1966 — VOL. XX — N.º 9

Nossa capa: "Nada há que se compare em esplendor e beleza a uma simples flor orvalhada." Foto do Pres. Beck.



Então é disso que são feitos os meninos? 9

A primeira e provavelmente mais importante lição que os pais principiantes devem aprender é que quando recebem seu nenê **êle ainda não está inteiro...**

O natalício do nosso Presidente 11

Mês de alegria para todos os santos, êste em que o nosso profeta comemora o seu 93.º aniversário.

A partida de um grande de Israel 22

Artigo sôbre a partida de um grande líder, que durante três anos empenhou-se na expansão do Reino do Senhor no Brasil.

Pesado fôste na balança e... 28

Um dia seremos pesados na balança divina, cujos pesos e medidas só o Senhor conhece...

SEÇÕES

Mensagem de Inspiração	4
Meu Cantinho	14
Página Feminina	16
Juventude da Promessa	19
Escola Dominical	24
Jóias do Pensamento	26
Sacerdócio de Melquisedeque	27
Ciência e Religião	30
Notícias	36
Sacerdócio Aarônico	37
Programa Noite Familiar	39

Mensagem de Inspiração

Presidente David O. McKay



Tesouros de verdade

na revelação moderna

O evangelho e as coisas espirituais deveriam sempre ser predominantes na mente dos membros da Igreja. Se devotássemos mais tempo às coisas verdadeiras da vida e menos tempo às coisas que perecerão, se resistíssemos às várias tentações que estão no nosso meio e adotássemos os ensinamentos do evangelho em nossa vida, nos tornaríamos realmente uma luz sobre um monte, uma luz que não poderia ser escondida.

Se devotássemos mais estudo às modernas revelações contidas em Doutrina e Convênios, cresceria o nosso aprêço para com a magnitude da grande obra que foi estabelecida nesta dispensação. Frequentemente é dito que a Igreja é a maior coisa do mundo. E é mesmo — e quanto mais damos atenção a ela, melhor compreendemos quão bem adaptada está à nossa vida individual, nossa vida familiar e nossa vida social; quando a estudamos do ponto de vista do nosso ambiente, do ponto de vista das descobertas científicas, nosso coração regozija-se por causa da bondade de Deus em nos dar o privilégio de conhecer o evangelho de Jesus Cristo.

Revelação Repleta de Admoestações

Quase todas as passagens de Doutrina e Convênios estão repletas de admoestações e são plenas de inspiração e de maravilhosas revelações aos homens. Algumas vezes estas revelações estão expressas em poucas palavras, mas mediante um cuidadoso estudo pode-se ver quão estreitamente relacionadas estão a toda verdade. Tome-se, por exemplo, aquela maravilhosa revelação, apesar de simplesmente expressa, concernente ao governo pelo sacerdócio: “Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do sacerdócio, a não ser que seja por persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura e com amor não fingido.” (Doutrina e Convênios 121:41) Pensemos bem sobre a significação do termo “não fingido.”

Amor *fingido* não tem influência. Amor *não fingido* sempre tem o poder de alcançar o coração. A revelação continua: “Reprovando às vezes com firmeza... e depois mostrando um amor maior por aquele que repreendeste, para que não te julgue seu inimigo.” (D&C 121:43) Que maravilhosa admoestação e lição com respeito ao governo, não somente nos quóruns do sacerdócio da Igreja, mas também na nossa vida familiar e em todas as etapas de associação na vida atual!

Consideremos a declaração do Senhor com respeito ao valor das almas — “Lembra-vos de que o valor das almas é grande na vista de Deus.” (D&C 18:10) Também na revelação concernente à verdadeira riqueza — “Buscai não a riqueza, mas a sabedoria e eis que, os mistérios de

Deus vos serão revelados e então sereis enriquecidos. Eis que, é rico aquele que tem a vida eterna.” (Doutrina e Convênios 6:7)

A Devoção Produz Fé, Regozijo

Poderíamos continuar, revelação após revelação, tal como dadas em Doutrina e Convênios, as quais, se estudadas e observadas pelos santos dos últimos dias, estabeleceriam a fé em seus corações e os fariam regozijar-se nesta grande e maravilhosa organização colocada entre os homens para a sua salvação.

De nenhum modo menos importante é a revelação sobre a Palavra de Sabedoria. Há apenas um ou dois parágrafos referentes ao uso de bebida forte: “Eis que, não é bom nem aceitável... que alguém entre vós tome vinho ou bebida forte...” (Doutrina e Convênios 89:5). Apenas uma simples declaração; é incondicional, mas lá permanece. Bebidas fortes não são boas para o corpo! Esta revelação foi dada há 132 anos atrás — a palavra de Deus, não somente para as pessoas que são membros da Igreja, mas para os habitantes do mundo; onde quer que este livro tenha sido publicado; onde quer que tenha sido distribuído pelos élderes da Igreja; onde quer que a palavra de Deus tem soado pelo mundo.

As pessoas têm, assim, sido advertidas que não é bom entregar-se a estas bebidas intoxicantes, entretanto, vacilam; e mesmo alguns santos dos últimos dias têm vacilado. Eles têm-se assemelhado bastante à antiga Israel com os deuses de Baal. Elias veio entre eles e denunciou sua idolatria, dizendo: “...Até quando coxearéis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, seguí-o; se é Baal, seguí-o. Porém o povo nada lhe respondeu.” (I Reis 18:21). Também lá, o povo vacilava; muitos deles sabiam de algum modo que o Deus de Israel era onipotente; que era Ele quem poderia salvá-los, mas os outros deuses ofereciam prazeres, ofereciam indulgências; e o povo vacilava, alguns tentando servir e prestar obediência a ambos. O profeta Elias exortou-os que parassem de tentar servir um deus hoje e cair novamente na obediência aos ensinamentos de outro no dia seguinte. Todos conhecem o teste que foi a decisão; conhecem o resultado, e a morte que sobreveio aos sacerdotes de Baal.

As Multidões Vacilam Entre Duas Opiniões

Por 132 anos a palavra de Deus tem sido dada ao povo destes dias, dizendo-lhes para renunciar às indulgências com o fumo e renunciar às indulgências com as bebidas fortes, e ainda muitos titubeiam em obedecer.

Até quando, ó Israel, vacilarás entre duas opiniões? O Senhor tem dito que bebida forte não é bom. Os homens andam a declarar: “Não desejamos que as pessoas bebam mais cerveja; desejamos que *mais pessoas* bebam cerveja”. A qual ensinamento atenderá o povo? Um declarou na voz da Onipotência que a cerveja, as bebidas alcoólicas não são boas; o outro declarou que é boa, e deseja desenvolver o apetite do povo para que assim mais pessoas venham a beber. “Até quando vacilareis entre duas opiniões?”

O que significa *obedecer a palavra de Deus*? Significa, talvez, renunciar a entregar-se aos narcóticos e bebidas alcoólicas? Significa mais forte masculinidade; significa intelectos mais brilhantes; significa organismos mais fortes e mais perfeitos; significa maridos mais fiéis e melhores; significa pais mais devotados e afetuosos; significa paternidade que transmitirá aos filhos hábitos sadios, poder de vontade para resistir às tentações do apetite e maiores tentações da paixão que poderá sobrevir a eles; significa lares felizes, espôsas satisfeitas; crianças bem vestidas e melhor educadas; significa uma cidadania segura e firme, que contribuirá para a edificação de uma nação segura e firme; significa a salvação do indivíduo no reino de Deus. Acham pouco?

A Indulgência Induz À Corrupção

Por outro lado, o que significa a *indulgência*? Masculinidade enfraquecida, vontade enfraquecida, um organismo físico que transmitirá fraqueza a futuras gerações; significa o encurtamento da vida por um lento suicídio; significa o desarranjo das faculdades mentais; significa o desagregamento dos lares, significa espôsas de coração partido, crianças destituídas de um lar, uma sociedade enfraquecida; significa a mutilação e a matança de pessoas nas nossas rodovias — eis o que significa!

Os membros da Igreja deveriam estar determinados a viver em conformidade com os ensinamentos e admoestações que nos foram dadas. Deveríamos ser fortes o bastante para introduzir os princípios dados na vida ativa; e depois de o fazermos como indivíduos, deveríamos exercer nossa influência sobre nossos filhos; lembremo-nos de que o exemplo no lar será muito mais favorável em ajudar nossos filhos do que os nossos ensinamentos. As crianças têm direito a um nascimento régio, vivam elas em uma choça de taipa ou num palácio, não faz diferença — um nascimento régio, resistência herdada, força física, força moral, e elevação espiritual.

“Por que hesitais, ó Israel, entre duas opiniões? Se o Senhor é Deus, seguí-O; se é Baal, seguí-o”.

A IDADE IRRACIONAL [*]

W. Cleon Skousen
Chefe de Polícia de Salt Lake City

De relance, o título deste artigo pode parecer ambíguo. Na verdade, se lido por um grupo de papais de primeira viagem, cujo primogênito esteja ainda com três meses, talvez até o considerem insultuoso.

"Que entenderão eles por "Idade Irracional?" Ora essa, meu filhinho é a coisinha mais linda, obediente, razoável e inteligente que já se viu!"

E se o nenê pudesse entender a situação e falar, provavelmente faria côro, dizendo: "É claro. Eu coopero!" Mas em segredo ele talvez admitisse que, na verdade, seus pais nunca lhe pedem para fazer nada de "razoável". Apenas esperam dêle o que iria fazer, de qualquer maneira. Ele come quando tem fome, dorme se tem sono, sorri em resposta a outro sorriso — ou quando lhe fazem "festinhas" no queixo — chora se está molhado e resmungando aprovadamente após o banho, ou depois de ser trocado. De seu próprio ponto de vista ele está vivendo à grande, com tudo o que deseja, quando quer e como quer. Na verdade, desde que ultrapassou as primeiras semanas de cólica, tem levado a vida que pediu a Papai Noel.

Isto, naturalmente, é mesmo como deveria ser. Durante os primeiros meses de vida, o cérebro de um nenê normal registra todas as experiências agradáveis e reconfortantes de ser amado, cuidado, embalado e de ouvir palavras de carinho, para que se sinta bem-vindo e desejado.

Posteriormente, torna-se necessário aos pais transmitir ao cérebro do pequerrucho a mensagem de que a vida é plena de "deveres" e "hábitos" e de "consideração pelos outros." É então que os papais e mães principiantes atravessam o vale das sombras e da confusão, para descobrir com perseverança e resignação paciente porque este período de 1 a 3 anos é denominado "Idade Irracional".

O milagre de um bebê

Nesse meio tempo, seria de bom alvitre procurarmos entender bem o que é o nosso "nenê". Para tanto, pre-

cisamos começar pelo princípio. Diz-se por aí que nosso filhinho é "uma nova vida que veio ao mundo", mas nós nos perguntamos intimamente: "O que é a vida?" Os cientistas vêm-se às voltas com centenas de definições, todas simples demais. Esses sábios continuam descobrindo que a vida é algo maior do que qualquer uma delas. No entanto, consideremos a definição "elementar" de Herbert Spencer. Ele disse que a vida é "a combinação definida de mudanças heterogêneas, ao mesmo tempo simultâneas e sucessivas, em correspondência com a coexistência e as seqüências externas!"

"Serão os nenês tão complicados?", perguntamos ao doutor.

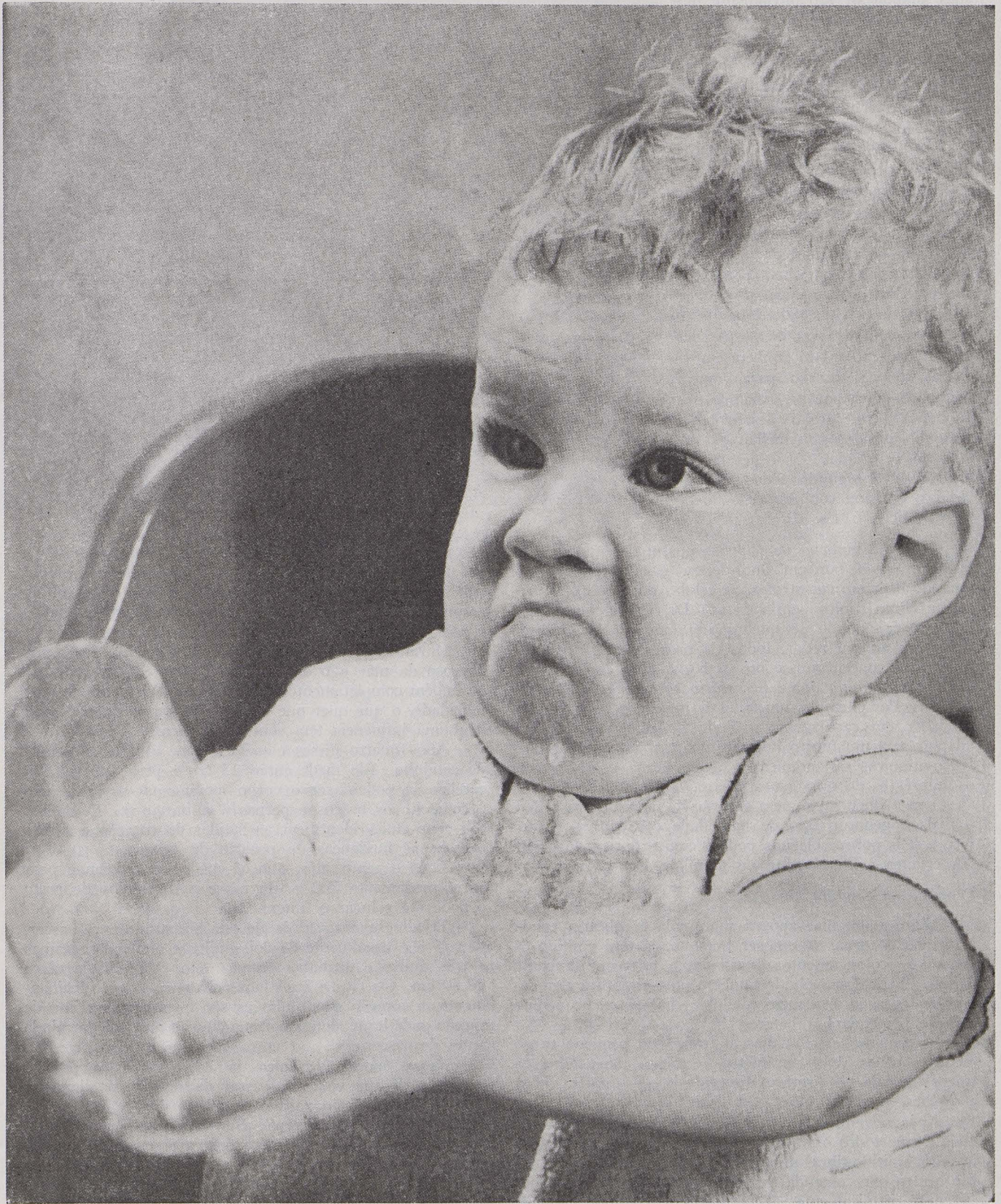
"Mas," iremos dizer, "não vamos nos preocupar com isso por enquanto. Diga-nos apenas como são feitos os nenês."

Nesse ponto, o doutor talvez descarregue outra bomba intelectual sobre nós, confiando-nos um segredo profissional: "Os cientistas ainda não puderam descobrir como são feitos os bebês."

Ele esclarecerá brevemente que sabemos o que acontece, mas não *como*. Sabemos que a criancinha começa como uma célula minúscula, mas de então por diante, o processo de formação de um ser humano é quase inacreditável.

Como salienta o Dr. Alexis Carrel em seu livro *Man, the Unknown*, cada célula humana reage como se tivesse o mesmo tipo de inteligência que nós possuímos. Todas elas seguem um plano predeterminado e prevêm condições ainda não existentes. Parecem ter a espantosa capacidade de reconhecer a variabilidade das condições e adaptar-se a elas. Essas células modificam até mesmo a própria natureza de seu ser para fazer face a uma

(*) NT — Do inglês "Age of no Reason", sem tradução consagrada em português. No Brasil os psicólogos utilizam correntemente a expressão "primeira infância" para designar o período que vai do nascimento aos três anos.



emergência. Possuem o que parece ser um sentido social; pelo menos suas adaptações são obviamente destinadas a satisfazer as necessidades conjuntas do corpo inteiro e não apenas as suas próprias.

O espantoso processo do desenvolvimento celular inteligente é descrito pelo Dr. Carrel relacionado com a criação de um órgão, tal como o olho, ou o coração: "O órgão... não é feito de material externo, como uma casa, ... mas nasce de uma célula, como se a casa se originasse de um só tijolo — um tijolo mágico, capaz de fabricar outros tijolos. Esses, por sua vez, sem esperar pelo projeto do arquiteto ou pela chegada do pedreiro, reunir-se-iam para formar as paredes. Metamorfosear-se-iam também em vidraças, telhas, carvão para aquecimento e água para a cozinha e o banheiro. Um órgão desenvolve-se segundo processos semelhantes aos atribuídos às fadas ... é gerado por células que, segundo todas as aparências, têm um conhecimento do futuro edifício." (Ps. 107-8.)

O corpo humano não apenas possui desenvolvimento próprio, como também auto-defesa e auto-regeneração. Quando ocorrem catástrofes, as células do corpo não procedem como tijolos sem vida. O Dr. Carrel descreve o que ocorre quando se quebra um osso: "No local da fratura, e ao seu redor, todos os processos estruturais e funcionais concentram-se nos reparos. *Os tecidos transformam-se naquilo que é necessário para realizar a tarefa comum.* Por exemplo, um feixe de músculos ... metamorfoseia-se em cartilagem... Todo o tecido é capaz de adaptar-se a um futuro imprevisível, a todas as alterações físico-químicas ou químicas ... de forma coerente com os interesses do organismo inteiro." (Ps 200-1.)

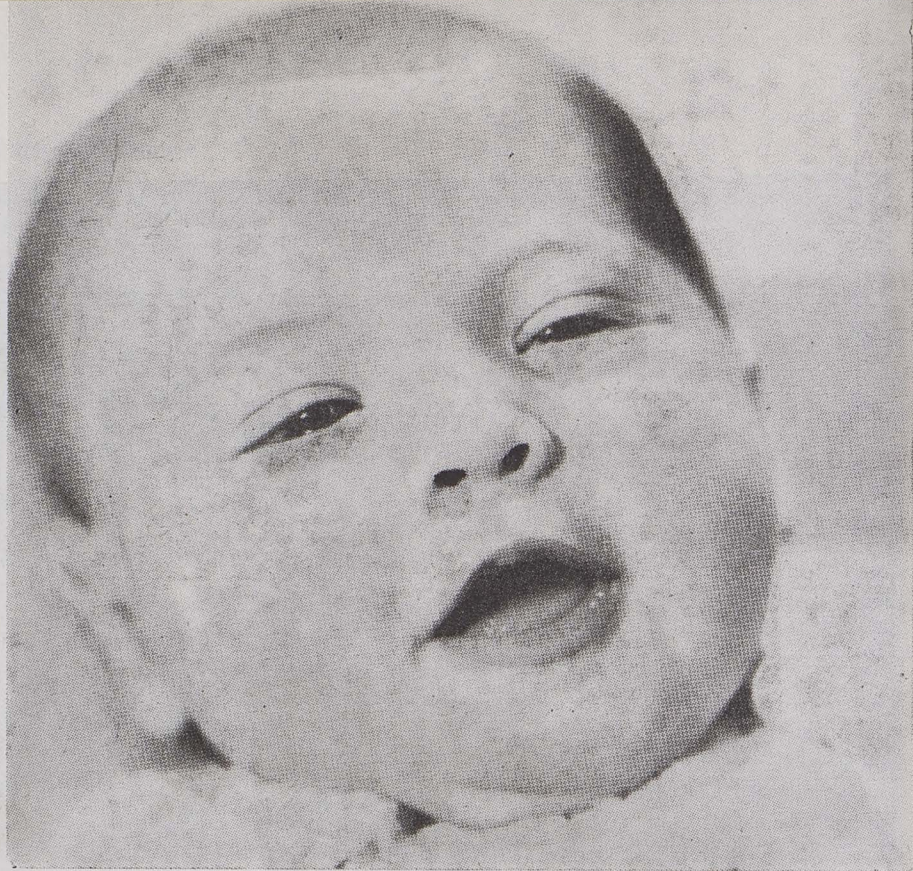
Um médico sabe que a geração de uma criança reflete o mais engenhoso tipo de habilidade construtiva e projetiva. Eis porque ele nos poderá com propriedade dizer: "A criança é literalmente um dom de Deus."

O início da conduta humana

Vinte e um dias após a minúscula e solitária célula principiar a tornar-se um ser humano, já terá emitido os pequenos prolongamentos destinados a tornar-se braços e pernas. Terá desenvolvido também uma estrutura elementar de coração e dentro de dez dias esse pequenino coração principiará a bater.

Ao fim de sessenta dias, o tronco do pequeno corpo medirá apenas dois centímetros e meio, mas todos os traços faciais já serão discerníveis — nariz, boca e orelhas.

Após noventa dias, o bebê mede sete centímetros e meio e traz todos os caracteres étnicos básicos. Seu cérebro terá emitido fibras nervosas através dos braços e pernas e o centro que comanda os reflexos fará os membros moverem-se rítmicamente. Teve início a conduta humana.



Por esta época já aparecem unhas nos dedos dos pés e das mãos e, logo depois, o próprio peito dilata-se e contrai-se, como se o cérebro estivesse treinando o dispositivo respiratório que deverá entrar em ação imediatamente após o nascimento.

Durante a gravidez, não há conexão entre o sistema nervoso da mãe e o da criança. O aparelho circulatório é também completamente independente. Assim sendo, por felicidade, o que quer que a mãe veja ou sinta, pouca ou nenhuma influência tem sobre a criança.

Após quatro meses e meio o bebê atingiu a metade do caminho. Ele mede então 15 cm e pesa 170 g. Seu cérebro já pode fazer o corpo movimentar-se um pouco e compelir os braços e pernas a agitarem-se. O doutor consegue então identificar as batidas do coração e a mãe percebe as mudanças de posição da criança.

Após o sexto mês, o nenê mede uns 30 cm e pesa aproximadamente 700 g. Já move os músculos do rosto e pode até soluçar e fungar.

Três meses mais tarde ele está preparado para nascer. Seu peso é usualmente de dois quilos e oitocentas gramas a três quilos e duzentas gramas e o corpo mede cerca de 50 cm. Os rins e intestinos acham-se já em funcionamento, o coração e os pulmões são fortes e o instinto de sucção pode levar alguns nenês a chuparem o polegar ainda antes de nascer.

Nessa época a criança já está preparada para a transição de sua vida, ao passar da penumbra silenciosa e calma da gestação para o mundo brilhante, ruidoso e ameaçador da vida terrena. Sua chegada bem sucedida é causa de jubilosas comemorações para seus pais e todos os parentes, mas em sua própria história, a suprema conquista da sobrevivência torna-se a mais monumental das vitórias.

Retrato do primeiro ano

A primeira e provavelmente a mais importante lição que os pais principiantes devem aprender é que quando recebem seu nenê *ele ainda não está inteiro*. Levará aproximadamente vinte e quatro anos para que seja completo o seu desenvolvimento. Entrementes, ainda lhe faltará grande quantidade de tecidos nervosos e cerebrais e vários quilos de músculos e ossos. Ele levará também diversos anos para coordenar aquilo que possui. Algumas de suas glândulas permanecerão inativas até que tenha atingido dois terços da estatura. É a falta disso que faz com que o júnior comporte-se como criança e não como adulto. Ele não é um adulto em miniatura que precisa apenas de "aprender coisas". Por enquanto, sua falta de aparelhamento físico impede-o de absorver muitas coisas. Eis porque ele não aprenderá a portar-se como adulto enquanto não atingir a constituição física que caracteriza um adulto bem ajustado.

O desenvolvimento muscular de um recém-nascido processa-se de cima para baixo. Por volta dos três meses, ele usualmente conseguiu controle sobre os doze pequeninos músculos que movem seus olhos. Dai por diante, já reconhece a mãe com segurança. Observa-a atentamente enquanto fala com ele e se ela sorri, ele também sorri em resposta. Já sabe ressonar quando está contente e chorar quando está insatisfeito.

Com a idade de seis meses os músculos de seu pescoço e ombros estão desenvolvidos o suficiente para suportar a rechonchuda cabeça. Os nervos e músculos de seus braços estão também se desenvolvendo rapidamente, de forma que quando deseja algo, estende a mão para apanhá-lo. Ele reconhece os membros da família e às vezes fica alarmado quando desconhecidos aparecem de repente em cena — particularmente estranhos que querem pegá-lo no colo e afetar falinha de criança. Se tiverem um pouco de paciência, ele se aclimatará, para depois dar-lhe um voto de confiança.

Quando conta nove meses, o nenê consegue ficar sentado, já tem alguns dentinhos e gosta de brincar de "bilu-bilu" e "achou". Os músculos de suas costas já suportam-no quando quer sentar-se sozinho ou rolar na cama (e até para fora dela, o que é acidentalmente possível quase desde o dia em que é trazido do hospital). Ele tem agora a capacidade mecânica de agarrar coisas e passá-las de uma mão para a outra. Tagarela bastante e encanta seus apaixonados pais, ensaiando constantemente "ma-mã" e "pa-pá".

Quando por fim chega ao primeiro aniversário, o pequeno pode contemplar um ano passado de furiosas conquistas. Ele terá dobrado seu peso, com folga, seu cérebro terá aumentado cerca de 30% em peso e ele não é mais tão desamparado como quando chegou. Agora já sabe dizer diversas palavras e compreende ordens simples. Reconhece também significados nos diferentes tons de voz humana. Os músculos de suas pernas desenvolveram-se de forma tal que anseia por ficar em pé. Vive pulando no colo da mãe e já consegue dependurar-se à guarda de seu bercinho. Acima de tudo, quer movimento. Às vezes ele escorrega de costas, outras vezes engatinha, mas move-se sempre.

Além disso, prova tudo o que encontra: fiapos de tapete, pedaços de papel, restos de comida e sujeira.

Enquanto trocam-lhe as fraldas ele já consegue permanecer imóvel, sem que seja preciso distraí-lo com algum brinquedo. Ultimamente ele vem prestando atenção às pessoas, para ver o que farão em seguida.

Os pais podem não saber, mas a lua-de-mel praticamente terminou. Seu herdeiro está agora quase pronto para penetrar nos terrenos aventureiros e buliçosos dos dois anos.

Retrato de um menino de dois anos

Os aspectos principais da carreira de um menino de dois anos são mobilidade e independência. Durante o segundo ano ele já sabe andar e até correr. Isto quer dizer que pode também subir. Trepas em cadeiras para alcançar as prateleiras dos armários, para abrir gavetas e tirar caixas de papelão e vidros de remédio. Ele tem verdadeira fascinação por armas carregadas, drogas venenosas e muitas outras coisas que os adultos precisam passar a esconder.

Quando atinge dezoito meses de idade, já sabe dizer algumas palavras e depois de dois anos consegue formular pequenas sentenças. Já agora ele goza de tremenda capacidade de percepção. Por exemplo, consegue distinguir um latido de cachorro que seus pais talvez nem notem. Sabe qual pedaço de bolo é o maior. Gosta do caminhãozinho vermelho mais do que do azul e já distingue pesos e formas diferentes.

Começa aqui a fase das histórias. Ele gosta de "Os três porquinhos" e adora ouvir comentários sobre quando era pequenininho.

Chegando aos dois anos, ele já começa a ser um meninão. Mede cerca de 85 cm de altura e move o ponteiro da balança até quase os 12 kg. Por vezes aparece correndo, quase sem fôlego, pedindo para ir ao banheiro. Este é um progresso que sua mamãe bendiz. Mas não se deve esperar que esse controle seja completo senão alguns meses mais tarde. Ela notará que o nenê gosta de ouvir sua aprovação entusiástica quando vê que ele acordou sêco, mas não se deve dizer que ele é malcriado se acontecer estar molhado.

Ele ainda chupa o polegar, mas o doutor pede que não nos preocupemos com isso, porque os cientistas descobriram que chupar o dedo é antes um instinto natural que um mau hábito. Passará no devido tempo. O médico nos assegura que a menos que ele passe todo o tempo chupando o polegar, isto não deformará seu dedo, nem sua boca ou personalidade.

Um belo dia o herdeiro descobre a força da gravidade. Fica fascinado ao ver seus brinquedos caírem do alto da cadeira. Depois, descobre que a comida é ainda melhor — ela se esparrama! E o jogo fica duplamente interessante se a mãe não pára de apanhar os brinquedos ou de recolher a comida. Ele acha engraçado a maneira com que ela geme cada vez que se abaixa. Se depender dele, em breve a mãe estará em estado de estupor.

É ainda sua fascinação pela gravidade que faz com que ele queira ver tudo no chão. Puxa as toalhas no banheiro, os guardanapos, os livros da estante e os jornais do porta-revista.

Percebemos agora que nosso pequerrucho de dois anos está-se tornando independente. Ele quer mostrar que sabe comer sozinho, vestir-se e fazer coisas de gente grande.

Procura-se encorajar sua iniciativa, mas êle é ainda tão desajeitado, com suas mãozinhas gorduchas, que precisamos estar atentos para dar um jeito quando êle finalmente pedir ajuda.

O pequeno mostra, também, uma tremenda curiosidade por revistas, gavetas, cestas de lixo e quartos alheios. Na verdade, começa-se a perceber por todos os cantos da casa vestígios de sua passagem.

O lar de um nenê

Quando uma criança chega a uma casa, tudo se torna em parte seu — legalmente e de fato. Esta sociedade é difícil para seus pais, porque quando o garôto tem apenas dois anos, procede como se a casa fôsse só sua. Na verdade, enquanto não tiver seis anos, não aprenderá a partilhá-la com seus pais. Enquanto isso, livros caros, cerâmicas, toalhas, enfeites, perfumes, panelas, vasos de plantas, pianos, cadeiras, discos, pratos e gulozeimas são monopolizados como parte de seu domínio exclusivo. Cada item deve ser examinado, testado, experimentado e, sempre que possível, destruído. (De que outra forma se poderá testar algo?)

Veza por outra alguns jovens pais decidem que o pequerrucho simplesmente terá de adaptar-se a viver numa casa bem arrumada e ordeira. “Êle vai ter que aprender a cuidar bem das coisas,” concluem. No entanto, o que usualmente acontece é desistirem após o terceiro vidro de tranqüilizante. Uma bela noite, inspecionando os “crayons” altamente expressionistas das paredes, a mobília “super-resistente” desconjuntada, as pequeninas marcas, talhos e manchas que desafiam removedores, lembrarão a sabedoria de seu pediatra: “Não rodeie uma criança de coisas que ela não tenha a capacidade de compreender e cuidar. Mobília a casa de forma que a criança possa apreciá-la e de forma que você possa apreciar a criança.”

Após os dois, a ditadura

O problema do segundo ano é apenas prepararmos para o seguinte. Agora já é tempo de dar uma boa examinada na cabecinha do herdeiro. Para nosso espanto, descobrimos que êle tem um cérebro — só que não se acha ao alcance dos pais com muita freqüência. Mas mesmo nos adultos o cérebro é um instrumento frágil. Tão superficial e restrito que pode ser comparado a um poço raso — não comporta muita água, extravasa com facilidade e, com o passar do tempo, polui-se. Portanto, se os adultos atrapalham-se com seu poço raso, pensem no problema que uma pequena poça d’água pode representar para um garôto de dois anos e meio.

Duas dificuldades dão trabalho ao pequerrucho entre dois e três anos. *Primeiro*, seu cérebro não é capaz de manter mais de uma ou duas coisas no plano consciente ao mesmo tempo. Se atravessar a casa correndo para mostrar à sua mãe um gatinho nôvo que encontrou no quintal, é bem pouco provável que se lembre de não bater portas e não arranhar o chão encerado.

Segundo, o garôto descobre pela primeira vez a liberdade humana — que não passa do “direito de escôlha”. Mas, o desconcertante é que lhe falta experiência para saber o que escolher, portanto quer ambas as alternativas ao mesmo tempo. Teme sempre estar perdendo algo. Êste

mêdo é também a razão pela qual êle rejeita a maioria das sugestões paternas durante êste período. Sente um pavor terrível de que tenham feito a escôlha errada por êle e parece-lhe que vai perder a sua única oportunidade na vida.

O problema de não aceitar sugestões paternas é patente neste período e manifesta-se com inflexível persistência. Na hora do jantar, êle às vêzes rejeita o cardápio de tôda a família para querer só ovos ou, se lhe oferecerem vagem, pede cenouras cozidas. E sua mãe extenuada aprenderá através de experiência que não é nenhuma desgraça devolver a vagem à geladeira e esquentar a cenoura. Naturalmente, pode-se discutir com o garôto, mas sua reação será, de um modo geral, atirar o prato impingido ao chão. É a sua maneira de dizer “tirem essa droga da minha frente.”

“Para *estragá-lo* de mimos?”, explodimos.

“Não,” replica o doutor. “Êle precisa apenas certificar-se de que é capaz de escolher sôzinho. Daqui a alguns meses esta fase terá passado.” Assim aprendemos a ser pais.

E porque um garôto de dois anos e meio afirma enêrgicamente sua vontade, isto cria a impressão de que estamos no ápice da “idade irracional” — e é verdade. No final das contas, é a idade da razão dêle, o que descreve melhor êste período. Os pais conseguem que o garôto faça a sua vontade apenas na medida em que o convencem de que isto era mesmo o que êle queria fazer.

No entanto, ficam tão atarantados pela capacidade de absoluto desafio de seu herdeiro, que passam longo tempo procurando persuadí-lo. Mas o pequeno tem que argumentar com um vocabulário de apenas cinqüenta palavras. Isto, naturalmente, é enervante. Por isso, êle acaba apelando para algumas técnicas extremamente persuasivas, tais como atirar-se ao chão, esperando e se esguêlando com tanta veemência que os vizinhos acham que sua mãe o está assassinando. Através da experiência o garôto sabe que isto provoca uma maravilhosa reação em seus pais. Êle vê sua dignidade se desvanecer e suas vozes tremerem. E os ouve suplicar, implorar e querer suborná-lo para que fique quieto. É chantagem infantil.

Nosso doutor explica que quando isso acontece e tem que haver um desfêcho, existem duas soluções:

Primeira, procure fazer com que sua ordem lhe pareça razoável. Por exemplo: “O papai está chegando, vamos lavar nossas mãos.”

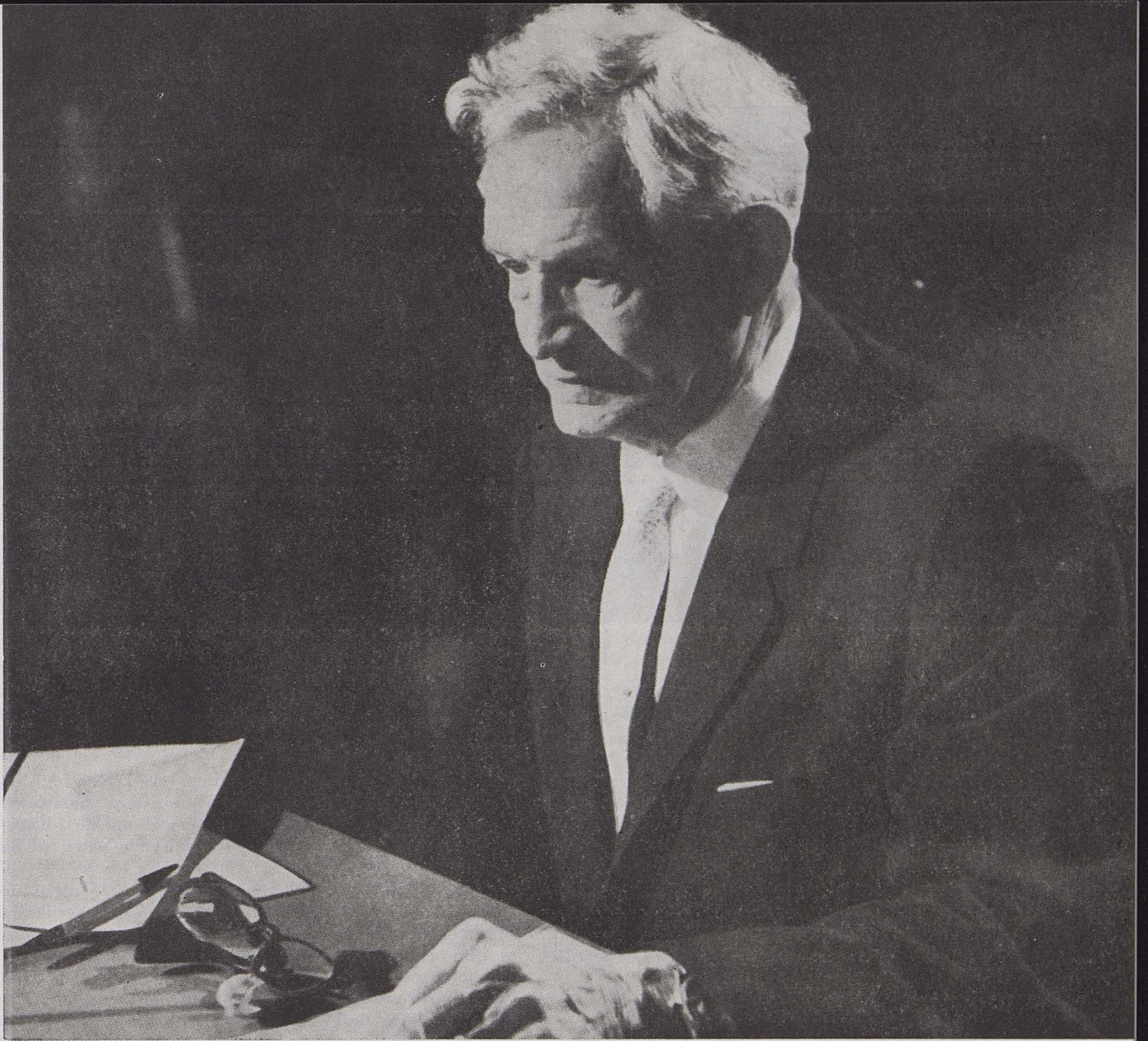
Segundo, se êle não atender, entre em ação.

O doutor afirma que pouco se consegue de uma criança dessa idade com argumentos. A mãe diz: “Venha jantar”. O moleque diz “Não!” e tem um acesso de raiva para provar que não vai mesmo. Se fôr esperta, ela apanha o fedelho e leva-o ao banheiro. Debaixo de choradeira lava-lhe o rosto e as mãos e coloca-o depois à mesa. Lá, usualmente, a mudança de cenário e os odôres da comida farão cessar a birra. Neste aspecto, o júnior pode ser muito semelhante a seu pai.

Portanto, o segredo para acabar com uma birra é a distração, não a discussão — pelo menos enquanto a discussão não representar distração. A experiência ensina logo aos pais o que funciona melhor para seus filhos.

Dois problemas finais merecem ser mencionados. Um é a paixão do pequerrucho por certos rituais. Êle só

(cont. na pág. 18)



O natalício do nosso Presidente

Carter E. Grant,
Assistente Editorial

A 8 de setembro de 1873, em Huntsville, Condado de Weber, Utah, há quase um século atrás — há noventa e três anos, para ser exato — nasceu a Jennette Evans McKay, o terceiro filho de uma família de dez. Honrando o pai do menino e sua avó paterna, seus pais o chamaram David Oman McKay — um nome conhecido por tôda parte, onde quer que o evangelho restaurado de Jesus Cristo tenha tocado os corações dos homens.



Em 1856, quando o pai de David O. McKay tinha doze anos de idade, êle, seu irmão e três irmãs zarparam com seus pais, William e Hellen (ou Ellen) Oman McKay, da sua cidade natal, Caithness, Escócia, em companhia de 764 santos rumo a Sião nas Montanhas Rochosas, cêrca de dez mil quilômetros em direção ao oeste. Durante seus quarenta e um dias no Oceano Atlântico a bordo de um navio a vela, foram sacudidos impiedosamente pelas freqüentes tempestades e mares encapelados. Após desembarcarem em Castle Garden, Nova York, puseram-se a caminho em direção ao oeste por cêrca de dois mil quilômetros até Iowa City, Iowa — um dos lugares de reunião para os que iam para as Montanhas Rochosas.

Finalmente, a 13 de junho de 1859, em Florence, Nebraska, embora pobrementemente equipados para uma provadora jornada de mil e seiscentos quilômetros, os McKay partiram em viagem sob as ordens do Capitão James S. Brown numa grande companhia de 553 pioneiros — homens, mulheres e crianças. Os cinqüenta e nove carroções foram logo enfileirados por quase dois quilômetros ao longo da trilha.

Na tarde de 29 de agosto de 1859, William McKay e sua família entraram no Vale do Grande Lago Salgado. Permanecendo ali apenas brevemente, viajaram mais sessenta e cinco quilômetros em direção ao norte e construíram uma casa pioneira em Ogden, Utah.

No verão de 1867, seis anos antes do nascimento de David O. McKay e dois anos antes da vinda da ferrovia às Montanhas Rochosas, David McKay, então com vinte e cinco anos de idade, conduziu Jennette Evans McKay, sua “noiva galêsa de olhos castanhos escuros” de dezesseis anos de idade, mais vinte quilômetros em direção ao leste, até o pitoresco “canyon” do Rio Ogden, e estabeleceram seu lar em Huntsville. Lá, numa cabana de troncos que se erguia logo a oeste da atual residência dos McKay, David e Jennette começaram uma vida de sincero e feliz

companheirismo. Seis anos mais tarde, num nôvo lar, agora incluído na residência ampliada dos McKay, Jennette deu à luz o seu terceiro rebento, um filho varão, David O. McKay.

Lá pelos dias de Peter Skeen Ogden, Jim Bridger, William Ashley e muitos outros caçadores, mercadores, e exploradores da Montanhas Rochosas — a trinta ou quarenta anos antes do Capitão Jefferson Hunt, do Batalhão Mórmon, ter fundado Huntsville — êste pitoresco vale de montanha, afamado por seus riachos cristalinos e luxuriantes pastagens, era conhecido por tôda parte do Oeste como a “Toca de Ogden”.

Desde os dias do Capitão Hunt, três florescentes povoações — Huntsville, Êden e Liberty — surgiram neste grande vale.

Na década de 1870, o Presidente Brigham Young visitou os santos em Huntsville e vizinhanças, e declarou, segundo um diário de McKay: “Êste é um lugar ideal para se criar santos dos últimos dias”.

Aceitando sem reservas o conselho do Presidente como a palavra de Deus a êles, David e sua esposa criaram uma grande família — quatro filhos e seis filhas, oito dos quais chegaram até a maturidade — santos dos últimos dias modelares.

Os registros da Igreja mostram que David McKay, pai de David O. McKay, serviu vinte e dois anos como bispo — dois anos em Êden e vinte em Huntsville. Então tornou-se sumo-conselheiro até ser ordenado patriarca da Estaca de Weber.

Os filhos e netos da terceira e quarta geração de David McKay provam pelas suas obras que aceitaram sinceramente as palavras do Salvador: “... abençoados os que procuram estabelecer a Minha Sião naquele dia, pois terão o dom e o poder do Espírito Santo... e *quão belos sôbre os montes* serão os mensageiros da paz, que divulgam novas de grande alegria.” (1 Nefi, 13:37. *Itálicos do autor*).

Crendo que sua mãe era verdadeiramente “bela sôbre os montes”, o Presidente McKay escreveu num editorial: “Não posso pensar em nenhuma virtude feminina que minha mãe não possuísse... Ela era bela e nobre.” E “fazer do lar o mais agradável lugar do mundo para seu marido e seus filhos era o seu intuito constante, o qual ela realizava natural e supremamente.” (The Improvement Era, maio de 1958, página 303.)

Quando David, o primeiro filho varão desta “maravilhosa mãe”, alcançou a idade de doze anos, o Patriarca da Igreja impôs suas mãos sôbre a sua cabeça, declarando profeticamente:

“O ôlho do Senhor será sôbre tí...”

“Em data próxima precisarás estar preparado para uma posição de responsabilidade...”

“Muito verás do mundo”.

“Assistirás no ajuntamento de Israel disperso”.

“Será tua parte assentar-te em conselho com teus irmãos”.

“Presidirás entre o povo”.

Doze anos após esta bênção, este jovem presidia as conferências de Glasgow, na Escócia — o mesmo distrito sobre o qual seu pai presidira há vinte anos atrás.

Durante esta missão, o élder McKay passou por suficientes experiências sagradas para lhe provar que verdadeiramente o “olho do Senhor” estava sobre ele. Anos mais tarde, numa conferência geral, o Presidente McKay contou sobre uma notável conferência com os élderes na Escócia, presidida por James McMurrin, do Primeiro Conselho dos Setenta:

“Lembro-me como se fôsse ontem”, testificou, “a intensidade da inspiração daquela ocasião. Todos sentiram a rica emanção do Espírito do Senhor. Todos os presentes estavam verdadeiramente em um só coração e uma só mente. Jamais havia experimentado tal emoção. Foi uma manifestação pela qual, como um jovem com dúvidas, havia secretamente orado fervorosamente nas faldas das colinas e nos prados. Para mim foi uma garantia de que a oração sincera é respondida ‘algum dia, algures’”.

O Espírito Santo, testificou, foi derramado sobre os élderes até que “lágrimas lhes escorriam pelas faces... não de tristeza ou de pesar, mas como uma expressão do espírito transbordante...” Um élder, ao prestar seu testemunho, declarou: “Irmãos, há anjos nesta sala!”

Ao ouvir isto o Presidente McMurrin levantou-se testemunhando: “Sim irmãos, há anjos nesta sala!” Então dirigindo-se ao élder McKay, falou profeticamente, “Deixe-me dizer-te, irmão David, Satanás tem desejado joieirar-te como ao trigo, porém Deus está atento sobre ti... Se guardares a fé, virás ainda a assentar-te nos principais conselhos da Igreja”.

Após ter revelado este testemunho concernente à sua própria vida futura, declarou humildemente: “Com a resolução de guardar a fé nasceu então um desejo de servir ao meu próximo, e uma compreensão, um lampejo ao menos, do que eu devia ao élder que primeiramente anunciou a mensagem do evangelho restaurado aos meus avós, que aceitaram a mensagem anos atrás no norte da Escócia e em Gales do Sul”. (Cherished Experiences.)

“Muito verás do mundo”, declara a voz do Senhor através do seu Patriarca. É muito provável que nenhuma outra das Autoridades desta Igreja tenha visto mais o mundo e o seu povo que o Presidente McKay.

Novamente, “sentar-te-ás nos principais conselhos da Igreja”, e “presidirás entre os irmãos”.

Em 9 de abril de 1906, aos trinta e dois anos de idade, David O. McKay foi ordenado Apóstolo na Igreja restaurada de Cristo. Seguiram-se outras designações. Tornou-se o Segundo Conselheiro do Presidente Heber J. Grant em 6 de outubro de 1934; Segundo Conselheiro do Presidente George Albert Smith em 24 de maio de 1945; em 5 de outubro de 1950 foi apartado como Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos; e em 9 de abril de 1951 foi apoiado como Presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Atualmente fazem mais de sessenta anos que ele é uma das Autoridades Gerais da Igreja.

“Meus amados companheiros de trabalho, irmãos e irmãs”, começou o Presidente David O. McKay após ter sido apoiado como Presidente da Igreja, “Desejaria que estivesse dentro do meu poder de expressão dar-lhes a saber quais os meus verdadeiros sentimentos nesta solene ocasião. Desejaria que pudessem olhar no meu coração e verem por si mesmos quais são estes sentimentos... Ninguém poderá presidir sobre esta Igreja sem primeiramente sintonizar-se com o Cabeça da Igreja... Sem a Sua divina orientação e inspiração constante não poderemos ter sucesso. Com Sua orientação, com Sua inspiração, não poderemos falhar... Afianço-lhes que farei o melhor que puder para merecer a companhia do Espírito Santo”. (Gospel Ideals, páginas 261-263).

Referindo-se a estes divinos homens que se mantêm “em sintonia com o Cabeça da Igreja”, Joseph Smith declarou: “Todo homem que tenha um chamado para administrar aos habitantes do mundo foi ordenado a este mesmo propósito no Grande Conselho nos céus antes que o mundo fôsse. Suponho ter sido ordenado para este mesmo ofício. (Para ser Presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Doctrinal History of the Church, 6, 364).

O Pai Abraão registrou em seu Livro de Recordações, que foi transportado em visão e achou-se entre os filhos espirituais de Deus que estavam à espera do tempo em que viriam à terra e receberiam corpos mortais. Ele observou que “entre todos estes havia muitos nobres...”, de quem Deus declarou, “A estes farei meus governantes.” E ele dirigiu-se a Abraão dizendo: “... tu és um deles, fôstes escolhido antes de nasceres.” (Abraão 3:22-23.)

Aos justos desta terra, o Senhor declarou a Joseph Smith que abençoados são aqueles que “... vencem pela fé, e são selados pelo Espírito Santo da promessa, o qual o Pai derrama sobre todos os justos e verdadeiros.

“Estes são a Igreja do Primogênito”.

E quando estes dignos servos de Deus vierem para receber sua recompensa, a promessa é que “habitarão na presença de Deus e Seu Cristo para todo o sempre.” (D & C 76:53-62)

Por mais de sessenta e cinco anos, Emma Ray Riggs McKay tem permanecido devotadamente ao lado do seu honrado companheiro. E mesmo antes da sua partida para a missão em 7 de agosto de 1897, e também enquanto ele era membro do time de futebol da Universidade de Utah e orador da formatura da sua classe, Emma Ray orgulhava-se de tê-lo como seu amigo. Enquanto élder McKay estava na Escócia, ela graduou-se na universidade com conhecimentos especiais de música — uma realização de inestimável valor para a sua ala, estaca e crescente família.

Ao aproximar-se o oitavo dia de setembro, trazendo com ele o nonagésimo terceiro aniversário do nosso profeta, vidente e revelador, os fiéis membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias de todo o mundo lealmente expressam ao seu nono Presidente e à sua admirável esposa — mãe dos seus sete filhos — sua sincera estima e devoção.

O FANTASMA QUE

No interior do poeirento e há muito abandonado vestibulo do hotel o vento gemia, o assoalho rangia e em algum lugar uma veneziana batia.

No interior de Somb, o seu coração dava pancadas, seu estômago revirava-se, e um calafrio correu-lhe espinha acima.

"Ouví que êste hotel é assombrado," disse, com uma risada que supostamente deveria mostrar que não estava com medo. Erguendo-se na floresta a quilômetros de qualquer outro vestígio de civilização, o hotel tomava ares de mal assombrado só de se ver.

"Certamente que sim", disse Paulo. "Está com medo?"

"Lógico que não", respondeu Somb. Sòmente porque êle era mais jovem que os outros dois, êstes não lhe davam o mínimo crédito. Na verdade, até mesmo o seu apelido mangava dêle. "Aí vem o Paulo e sua sombra", diziam. Dentro de pouco tempo todos o chamavam de "Somb".

"Não há nenhum fantasma registrado aqui", rira Valter por trás do balcão. Soprou o grosso pó do velho livro de registros do hotel. "Venham ver por si mesmos. Nem mesmo a assinatura de um pequeno duende".

Carvão, o vira-lata prêto de propriedade mútua dos três garotos, ganiu e pôs-se a correr de um lado para o outro, cheirando as poucas peças da mobília restante do vestibulo.

"Eu disse que tinha um segrêdo para contar quando chegássemos aqui", disse Paulo. "Bem, há um tesouro aqui".

"Que espécie de tesouro?" Queria saber Somb.

"A velha Dna. Lurdes ouviu dizer que papai iria nos trazer para acampar aqui na floresta", contou-lhes Paulo. "Ela disse-me que nos compraria alguns equipamentos de acampar se pudéssemos encontrar seu anel de esmeralda".

"Como é que êle veio parar aqui?" perguntou Valter.

"Antes de se casar ela estêve aqui num fim de semana", continuou Paulo. "Durante um baile, vários homens irromperam no salão para assaltar os hóspedes. Dna Lurdes correu para a cozinha e enfiou seu valioso anel num saco de farinha".

"Ela o esqueceu, ou alguém mais o encontrou?" perguntou Somb ansiosamente.

"Os homens a trouxeram de volta à cozinha e a trancaram no salão com os outros", continuou Paulo. "Quando a polícia chegou e ela foi posta em liberdade ficando então à vontade para procurar, o saco de farinha sumira. Havia algumas remodelações sendo feitas e tudo

fôra mudado de lugar pelos operários antes que ela tivesse oportunidade de pensar sôbre o anel".

"Mas um saco de farinha não iria desaparecer assim", disse Somb com uma carranca.

"Ela sabe que sua memória poderia não ser muito boa, assim, antes de deixar sua casa me disse que talvez apenas tivesse pensado em enfiar o anel na farinha e na realidade o escondera em algum outro lugar. Na verdade, ela diz que talvez o tivesse escondido no seu quarto e não o tivesse usado no baile. Após tôda aquela excitação ela não pudera lembrar-se com certeza."

"Mas não teria o cozinheiro ou um dos hóspedes encontrado o anel? Perguntou Valter.

"O hotel fechou logo depois disso", explicou Paulo.

"Vamos começar a busca", gritou Valter enquanto abria as gavetas de uma escrivaninha desmantelada.

"Lá vamos nós. Cuidado fantasmas!" gritou Paulo.

"Vamos olhar lá em cima", sugeriu Somb. Com o coração na garganta êle galgou correndo o primeiro lance de escadas e esperou pelos outros.

Ao subirem juntos ouviu-se um ruidoso "TUMP" lá em cima. Uma porta batera.

"Talvez devêssemos voltar amanhã", disse Valter. "Daqui um pouquinho estará escuro, e a trilha de volta ao nosso acampamento será difícil de encontrar".

"É apenas o vento", disse Paulo em voz baixa. E continuou a subir.

Valter e Somb o seguiram. Nenhum dêles mencionou que o vento havia-se acalmado desde que tinham vindo para o hotel.

Quando êles estavam quase no segundo piso, outro "CRASH" ecoou através dos cômodos vazios. Os rapazes gelaram. Ouviu-se um barulho de pés correndo, e à medida que o terror dos rapazes crescia, um vulto branco correu cruzando a distante extremidade do sombrio corredor, bem na frente dêles.

Foi uma baita correria escada abaixo e lá fora a porta foi batida estrepitosamente atrás dêles. Os rapazes já estavam perto do acampamento quando pararam para respirar. Ninguém disse uma palavra sôbre o susto ao irem para o acampamento, levantarem sua tenda e assarem salsichas no fogo.

Durante a noite o vento voltou. O ranger do esteio da tenda acordou Somb no meio de um mau sonho. Tinha estranhas sensações. Algo estava errado; o que seria?

"Carvão", murmurou para si mesmo. Havia corrido tanto que Somb não podia lembrar-se se o cão tinha vindo com êles ou não.

NÃO SE REGISTRARA

Blanche Boshinski

"Carvão", chamou. Nenhum cachorro peludo pulou perto de si. "Hei, Paulo," chamou êle enquanto sacudia o corpo do amigo. "Acho que Carvão ainda está no hotel".

"Não podemos voltar no escuro", resmungou Paulo.

"Mas êle ficará assustado se ficar trancado lá com o..." Somb não pudera concluir. O que é que estava no hotel com o cão? Êle tentou levantar Valter, mas apenas conseguiu resmungos dêle.

Ràpidamente, Somb vestiu-se. O facho do farolete na trilha à sua frente criava caprichosas sombras, mas continuou avançando. Quando finalmente chegou próximo ao hotel, êste parecia mais mal assombrado ainda do que nunca. Seus dentes batiam quando êle insinuou-se no alpendre e abriu a porta que rangia.

"Carvão. Onde você está, Carvão?" Chamou Somb em voz baixa.

Antes que pudesse defender-se, o fantasma branco veio em sua direção. Somb deu um grito quando a "coisa" pulou no seu peito. No momento seguinte êle estava rolando no chão chorando de alegria.

"Carvão", riu Somb agachando-se com o cachorro a pular-lhe em cima. "Onde você se meteu, na farinha? FARINHA!" Êle deu um pulo e seguiu os rastros brancos até as escadas. "Como é que a farinha subiu as escadas?"

O hotel continuava a ser arrepiante, mas Carvão correu brincalhão escada acima, e Somb o seguiu.

No grande cômodo na cabeceira das escadas havia uma lâmpada tombada e um vaso quebrado. Um rato morto jazia perto da janela.

"Ah! Então você estava caçando quando fêz tóda essa algazarra", riu-se Somb. "E lá está a farinha". Êle projetou a luz sôbre o saco rasgado que se derramara sôbre o cão. "É gesso! Não me admiro que Dna. Lurdes não pudesse encontrar o saco de farinha onde ela escondera o seu anel. Os operários o trouxeram cá para cima".

"Hei, Somb, você está aí?" gritou Paulo.

"Encontrei a esmeralda!" exclamou Somb enquanto corria escadas abaixo e projetava a luz sôbre os dois espantados amigos. "Não se assustem. O fantasma era o Carvão". E êle começou a explicar o que tinha acontecido.

"Eu tinha que me preocupar com você", disse Paulo.

"Ei, isto é um brilhante, não é Miguel?" exclamou Valter, usando o verdadeiro nome de Somb. "Dna. Lurdes vai ficar muito feliz".

"Eu também", disse Miguel enquanto esfregava o anel no seu suéter com uma das mãos e acariciava a cabeça de Carvão com a outra.



MEU CANTINHO



Capítulo III



Página Feminina

CORAÇÃO

FECHADO

Shirley Thulin

Resumo: Joana Moreira, enfermeira, deixou seu emprego no Hospital de Água Verde devido ao desgosto causado pela morte de um jovem paciente. Consegue colocação como chefe das enfermeiras do Hospital de Pilares e trava conhecimento com o diretor do mesmo, dr. Nilo. Sua companheira de quarto é a jovem enfermeira Corina de Abreu. Joana tenta encorajar Marcelo, um jovem que fôra seriamente ferido num acidente, mas é repreendida pelo dr. Domingues e criticada por Corina.

Quando Joana terminou seu relatório, eram quase dez horas. Sentia-se exausta como há muito não se sentia. É bom sentir-se cansada, pensou, depois do cumprimento das tarefas importantes.

A luz do quarto estava apagada e Joana sentiu-se feliz porque não teria de ficar sôzinha. Sempre detestara entrar sôzinha em um quarto escuro, ao fim de um dia. Queria sentar-se à beira da cama de Corina para conversar, como quando fazia em casa com sua mãe, quando era mais jovem. Sabia que agora não poderia; por isso despiu-se sem acender a luz. A claridade que vinha de fora era suficiente para trocar-se.

Joana podia adivinhar que Corina estava em sua cama, mas não sabia se estava adormecida. "Corina," chamou baixinho.

"O que?" respondeu a outra, sonolenta.

"Eu..." e Joana não sabia o que dizer. Queria pedir-lhe que notifi-

casse a mãe de que não iria para casa todos os fins de semana. Queria dizer-lhe que não era bom para o hospital desobedecer as regras... queria falar sôbre Marcelo e explicar o que desejava fazer por êle, mas a noite tinha uma tal suavidade que ela não queria perturbar com uma palestra desagradável. Assim, apenas disse, "Boa noite, Corina."

"Joana... você acha que Décio... o dr. Domingues se casará algum dia?"

"É difícil dizer..." Joana não estava preparada para aquela pergunta.

"Êle me deixa tão zangada!" Corina sentara-se, mas Joana percebeu que estivera ali, deitada, pensando no médico, esperançosa, planejando, como só os jovens conseguem fazer, mesmo quando parece não haver esperanças.

"Creio que se casará," disse Joana. "Talvez demore para escolher, mas se casará."

"Êle diz que não, principalmente com uma enfermeira."

"Casará, sim," respondeu Joana. "Além disso, êle não vai a lugar nenhum com outro tipo de moça."

"Você acha que se eu saísse daqui e ficasse algum tempo fora, depois que voltasse, êle..."

"Corina, você não deseja ir a lugar algum... além disso," Joana brincava agora, "êle poderia casar-se com outra, enquanto você estivesse fora."

"Você gosta dêle, Joana?"

"Sim, êle é muito simpático."

"Quero dizer, você gosta bastante?"

Joana quase lhe disse que não gostava mais que as outras, mas sabia

que não era verdade. Engoliu, para que sua voz soasse firme, depois disse:

"Oh, sim, creio..."

"Êle gosta de você. Êle gosta muito de você."

Joana queria ser enérgica com Corina. Sentiu sua armadura derretendo-se e queria fazer algo. O que tinha essa garôta que a tornava tão suave, mesmo depois que prometera a si mesma ser reservada? "Corina, vim a êste hospital para..."

"Para fugir de alguma coisa... posso adivinhar. Os outros pensam que você seja assim naturalmente, mas eu sei que sofreu..."

"Por favor, Corina, não quero falar sôbre isso... isto é, não há nada para falar. O que desejo é ser uma boa administradora, e fazer bem meu trabalho entre os pacientes."

"Joana, você não vai me deixar ir para casa todos os fins de semana?"

"Corina, eu acho..."

"Desde que as outras não se importam, por que não?"

"É uma questão de princípio."

"Mas tio Nilo também não se importa."

"Êle..."

"E eu estava pensando que seria ótimo se você pudesse vir comigo, algum dia. Você adoraria papai e mamãe. Êles sempre me pedem que traga alguma enfermeira comigo. Seria bom para você."

"Vamos dormir. Já é tarde."

"Mas você virá, não é? Esta sexta-feira?"

Joana estava quase rejeitando o convite, mas sentiu que talvez isso

ajudasse no seu problema com Corina. Se fôsse, poderia falar com a mãe dela e explicar-lhe que a outra também precisava ter seus turnos no hospital e, assim, poderia manter melhor a disciplina entre as enfermeiras.

Joana respondeu a Corina, dizendo que iria com ela e, enquanto concordava, pensou na verdadeira razão que a fazia aceitar o convite. Queria fazer parte de uma família, mesmo que só por um fim de semana.

Pela manhã, Joana ouviu Corina sair do quarto. Voltou-se e riu para si mesma. Sabia que a moça ia tomar o café da manhã com o dr. Décio e, de alguma forma, isso a agradou. Aprontou-se para o novo dia e, durante todo o tempo, sentiu-se vibrar. Gostaria de saber porque sinto-me tão feliz, pensou. Mas sabia... Era porque, finalmente, encontrara seu verdadeiro lugar.

Joana estava sempre alerta às atividades do hospital. Nunca deixaria que a vida ali dentro se tornasse insípida ou rotineira. Era como um mundo, pensou, ao andar pelos corredores. Os sons dos passos das enfermeiras apressadas, com seus uniformes brancos e cabelos bem cuidados, davam a Joana um sentimento de excitação.

O quarto 212 estava novamente escuro. Marcelo estava voltado para a parede. A canção que havia em seu coração parou, dando lugar à tensão. Oh, Marcelo, quase disse em voz alta, o que posso fazer?

"Bom dia, Marcelo." A voz, trazendo seus sentimentos, procurava dizer-lhe, levante-se, Marcelo. Tente, por favor, tente. Mas, quando ele não respondeu, viu que não sentira o que tentara dizer-lhe.

"Marcelo, sabe de uma coisa?" Joana abriu a persiana e começou a arranjar as flores no vaso. "Conheço um homem..."

"Aposto que sim." Marcelo não se moveu e sua voz era neutra. "Aposto que é paraplégico da cintura para baixo, mas dirige seu próprio carro, dança e é pai de sete filhos."

"Apenas três..." Joana sentiu-se ruborizar.

"Apenas três? É engraçado. Todos os outros dizem que conhecem alguém que é pai de sete filhos, dirige seu próprio negócio, e é completamente feliz." Virou-se, então, com um olhar que amedrontou Joana e depois a enraiveceu.

"Marcelo, quando é que você vai deixar de brincar? Você me diverte. Pensa que sabe todas as respostas. Existem algumas questões que você ainda não pensou."

"Por exemplo?"

"Por exemplo, quem toma conta de você, enquanto você embirra e se diverte fazendo-se de vítima? Quem vai tomar conta de você, quando deixar o hospital? Ou pelo resto de sua vida? Você acha que pode viver o resto de seus dias na cama do hospital, protegido pelas persianas fechadas? O que acontecerá quando os médicos disserem que você já pode ir para casa? O que acontecerá, Marcelo?"

"Quer deixar-me em paz? Porque você tem que vir aqui todo o tempo e..."

"E fazê-lo pensar? É o que estou tentando fazer, Marcelo. Fazê-lo pensar nas coisas que estão por vir... as coisas que poderia estar fazendo..."

"Não posso fazer nada. Nada de nada," gritou e as veias de seus braços sobressairam-se, por causa da pressão dos punhos fechados.

"Sim, você pode. Pode aprender a fazer uma porção de coisas com seus braços fortes e com suas mãos. Pode fazer tanto, por sua mãe e seus irmãos!... Pode mesmo ser um exemplo a seus irmãos menores."

Marcelo chorava, por isso Joana saiu. Saiu do quarto, deixando a porta aberta, esperando que houvesse aberto também a porta aos seus pensamentos. Sabia que as lágrimas seriam boa terapia.

Apressou-se a ir à sala de arquivos. Queria encontrar o Dr. Domingues, para falar-lhe sobre Marcelo. Queria falar com ele primeiro, para evitar qualquer incompreensão a respeito de seus métodos de tratar o rapaz. Creio que posso fazê-lo entender, pensou, se puder falar com ele.

A sala de arquivos era sempre tão interessante a Joana, que não percebeu a entrada do dr. Décio. Deu-lhe uma olhadela e, pela expressão de seu rosto, pôde ver que já havia estado com Marcelo.

"Olá. Foi ao quarto de Marcelo?"

"Sim. Gostaria que percebesse o que está fazendo ao menino."

"Gostaria que o senhor percebesse o que estou tentando fazer pelo menino."

"Srta. Moreira... sei que a terapia que está usando já causou maravilhas em muitos casos, mas Marcelo é dife-

rente. Ele... ele é de natureza diferente. Ele é..."

"Sinto muito por não concordar com o senhor. A natureza do paciente raramente tem algo a ver com este tipo..."

"A natureza do paciente tem tudo a ver com isso." A voz do dr. Décio atingira o clímax da raiva e Joana estava prestes a chorar.

Ambos sentiram-se aliviados quando a srta. Ofélia abriu a porta. Encontrou sem falar uma palavra e o silêncio na sala parecia o de um túmulo recentemente fechado, ainda com o eco das vozes ao redor. Joana começou a escrever em sua ficha e o dr. Décio simplesmente ficou parado. Foi a enfermeira Ofélia quem primeiro quebrou o silêncio.

"Dr. Domingues, já terminou seu turno?"

"Quase."

"Como vai Marcelo?"

"Mesma coisa."

Joana sabia que Ofélia fizera essa pergunta de propósito, o que a aborreceu; mas a resposta do médico a alegrou. O dr. Décio não quisera tomar o primeiro passo para humilhá-la, o que lhe deu estranha sensação de prazer.

"A srta. vai almoçar agora?" perguntou Ofélia, vendo que devia mudar de assunto.

"Dentro em pouco. Tenho algumas coisas..."

Ofélia deixou-os e logo o dr. Décio recomeçou onde havia interrompido. "Joana, Marcelo tem que ser tratado gentilmente. A srta. sabe, ele é um rapaz que leva a vida muito a sério. Contudo, não precisa ser tratado com frases assustadoras. Já compreende a seriedade de sua situação e a srta. não precisa repetir-lhe."

"Ele precisa de uma luta..."

"Ele lutou durante várias semanas. Quase perdeu a vida."

"Mas ele tem lutado contra si mesmo. Agora ele precisa fizar zangado o bastante, para querer sair daqui e ir para casa..."

"Já o tínhamos quase pronto para ir para casa."

"Ir para casa? Como? Para esconder-se na cama e no quarto escuro? Ele deve aprender a querer ser o que era antes. Precisamos fazê-lo crer que pode."

"Mas, ele pode, realmente? Um rapaz nessas condições, em uma fazenda, o que faria?"

"É melhor que nenhum rapaz."

Joana levantou-se e dirigiu-se à porta. "Dr. Domingues, nasci e cresci numa fazenda. Meu pai, meus tios e meus vizinhos eram todos fazendeiros. Já vi fazendeiros com uma só perna ou um só braço."

"Mas não um rapaz com só metade de seu corpo."

"Sim, já vi um. E êle até aprendeu a dirigir um trator com o uso de contrôles manuais."

Saiu da sala com uma sensação de triunfo. Sabia que estava começando a fazê-lo entender ou, pelo menos, a não se opôr a que ela continuasse cuidando de Marcelo. Tenho que vencer, pensou. Tenho que vencer.

Joana dirigiu-se ao elevador. Tinha algumas chapas raio X que precisava examinar. Quando a porta do elevador abriu, Corina e Daví saíram.

"Olá," Daví saudou-a. Corina não disse nada.

"Vai subir?" perguntou êle.

"Sim."

"Importa-se se eu a acompanhar?"

"Não, Daví. Você também vem, Corina?"

"Não. Tenho de ir ao laboratório."

Daví esperou que as portas se fechassem e depois apertou os botões correspondentes; voltou-se para Joana.

"O que é, Daví?", perguntou-lhe esta.

"Nada... é que... Bem, dona Joana, a senhora sabe que todos estão comentando... sobre Marcelo..."

Joana olhou o rapaz. Parecia um jovem ginásiano, mas era alto como um adulto e seus olhos brilhavam. "Sim. Sei que estão falando sobre Marcelo... e sobre mim."

"Bem, não concordo com êles."

"Por que?"

"Porque Marcelo sente pena de si mesmo; hoje, logo depois que a senhora saiu, fui vê-lo. Êle falou comigo e essa foi a primeira vez que não me mandou embora."

"Sobre o que conversaram?"

"Êle perguntou-me o que eu planejava ser no futuro. Disse-lhe que estava trabalhando aqui para poder economizar para ir à escola. Perguntou-me o que planejava estudar e quando começaria."

"Êle perguntou? Oh Daví, é maravilhoso!"

"Então eu lhe disse que, se aprendesse a andar numa cadeira de rodas, eu o levaria comigo para a Universidade."

"É o que êle respondeu?"

"Simplesmente voltou-se para a parede e disse que não queria ir a nenhuma universidade... que não lhe adiantava nada ir à escola."

"Daví, continue conversando com êle... Logo se levantará."

Joana terminou o dia com o coração leve. Nunca havia pensado em levar Marcelo para a escola. Mas, disse a si mesma, era isso mesmo que faria. Era essa a melhor maneira de chegar a êle.

Depois foi até o quarto mudar de roupa. Queria comprar algumas coisas no centro da cidade. Surpreendeu-se, quando não viu Corina no quarto. É engraçado, pensou, como a gente gosta de partilhar boas novas com as pessoas que estima.

Quando Joana aproximou-se do dormitório das enfermeiras, viu Corina. Mas Corina quase não parou. Joana percebeu que estava indecisa e perguntou-se porquê.

"Algo errado?"

"Oh, não... isto é... nada de novo..."

"Gostaria de conversar com você sobre os planos para o fim de semana. Quanto tempo se leva até à fazenda?"

"Apenas algumas horas. O ônibus sai às cinco da tarde e poderemos sair depois do expediente."

"Corina, você acha que seria melhor eu não ir com você? Quero dizer, aconteceu alguma coisa que pudesse fazê-la mudar de idéia?"

Corina sorriu: "Não, não mudei de idéia... Só que... oh, Joana... se você entendesse Marcelo! Êle nem falou comigo, hoje. Ficou deitado na cama, sem ao menos ouvir-me."

"E o que diria se lhe contasse que êle vai à universidade, êste ano?"

"Diria que está louca."

"Bem, há uma grande possibilidade. Daví falou com êle e..."

"Joana, Marcelo não vai a escola nenhuma." A voz de Corina era sarcástica agora, como que dizendo que Joana não devia meter-se nos assuntos de Marcelo.

"Por que tem tanta certeza?"

"A fazenda é o seu único interêsse. Êle não pensa em nada mais. Além disso, terminou o curso colegial com muito esforço. Você está errada, Joana. Muito errada."

Parecia a Joana que o mundo estava girando depressa demais. Talvez estejam certos, pensou, pela primeira vez. Talvez estejam. / *Continua*

"ENTÃO É DISSO QUE SÃO FEITOS OS MENINOS?"

(continuação da pág. 10)

come com determinada colher, no seu pratinho azul e só bebe no copinho de canudo, tudo colocado de uma certa forma, caso contrário nada feito. Quando vai para a cama, quer o cobertorzinho rôto e seu ursinho estragado, já sem braços, com o estôfo aparecendo e sem um olho. A luz da sala tem de ficar acesa e a porta entreaberta, ou êle não adormece. Até mesmo para ir ao banheiro êle tem suas manias. Êsses rituais são os primeiros indícios de apreciação por "um mundo organizado". Por enquanto é êle quem dita tôdas as regras, mas isto o faz sentir-se tão bem que não se pode deixar de atendê-lo. Dentro de um ano e pouco a importância dêsses rituais começará a crescer.

O último problema é a propensão do garoto por perambular. Êle não tem nenhum senso de perigo com relação a atravessar ruas, despencar de lugares altos ou trancafiar-se em armários e malas. Quando brinca ao ar livre, deve ficar em local protegido por cêrca ou debaixo de supervisão permanente.

Três anos — o momento da vitória

Quase de repente, sem lógica ou explicação a Mãe Natureza provoca algo de muito especial no garotinho, quando êle atinge a idade de cinco minutos para as três. De uma hora para a outra, miraculosamente, êle fica mais velho. Nós nos espantamos com sua inesperada sensatez, seu desejo de ser aprovado. Êle começa a vestir-se, alimentar-se e brincar sozinho. As birras são tão mais raras que por pouco desaparecem. Pela primeira vez conseguimos "raciocinar" com êle a respeito de quase todos os problemas. É como uma brisa refrescante no verão. E dizemos para nós: "Bom, isto prova que nossa paciência e perseverança surtiu efeitos. Tínhamos certeza de que só poderia ser assim!"

E se o doutor estiver por perto, acrescentará: "Aproveitem, meus caros, porque dura apenas uns três meses." O estágio seguinte é "fogo"! Chama-se a idade do "Eu", ou o Estágio da Dinâmica Centrípeta.

Continua



JUVENTUDE DA PROMESSA

Da esquerda para a direita: Wolfgang Bauer, Ala V, Danilo Talanskas, Wilson Gomes, Sandra Puerta, Maria A. Brown e Bernardete Coelho, Ala II.

Prepare-se para viver

A vida foi feita para viver

Marion D. Hanks
e
Elaine Cannon

Alguns jovens esperam para viver.

Esperam até possuir uma casa melhor, um novo vestido, dinheiro, mais liberdade, uma educação melhor, amigos diferentes, maior experiência, mais tempo, mais tempo, mais tempo...

Agora é o tempo que temos para fazer as coisas terrenas. Esperar para viver até que alguma coisa mude parece tolice. Muitas pessoas vivem na base do "comer, beber e ser feliz, porque amanhã talvez morra." Tais pessoas prendem-se frêneticamente a qualquer diversão, seja frívola ou não.

A personalidade humana é eterna. As escolhas de hoje são as conseqüências de amanhã, estejamos aqui ou não.

Estamos mesmo é na época de viver, mas viver dignamente para não sentirmos remorsos. É bom crescer, sentir, aprender, experimentar, contribuir, adorar, amar, criar, fazer o bem. Não devemos esperar uma oportunidade melhor para vivermos sãbiamente.

A juventude SUD sabe que existe apenas um caminho para uma vida bem sucedida, ou seja, o evangelho de Jesus Cristo, que nos ensina a forma de viver inteligente e benignamente. É um plano inspirado, para tornar esta vida uma experiência estimulante em todo o sentido.

Por isso, não espere. Viva agora, sãbiamente.

Neste artigo daremos algumas sugestões aos jovens, sôbre a arte de viver.

Oh, é insuportável, você diz, ao retirar depressa o dedo da água gelada, sabendo a agonia que sentirá se enfiar o pé gradualmente. Está tão fria! Você sabe nadar, sabia que estaria gelada. Por que simplesmente não toma fôlego e atira-se à água? Veja os outros lá adiante. Estão sem frio agora e fazem uma algazarra! Oh, bem, você diz a si mesma, eles realmente não se importam que eu me junte a eles, por isso, por que não sentar-me ao sol naquela cadeira gostosa? Além disso, quando os outros voltarem, estarão molhados e sujos de lama, enquanto que o meu cabelo ainda estará arrumado. Hummmm, aqui está ótimo! diz você a si mesma... Uma história comum, mas que acontecerá a muitos de nós no próximo verão. Isso acontece-lhe muitas vezes — de maneiras diferentes? Mas o que há de errado, você diz, em a pessoa estirar-se ao sol, numa cadeira confortável, quando não se agüenta mais? Você está certa: todos precisam de muito tempo e de um lugar agradável para pensar e restaurar as fôrças. Mas a vida está lá fora...

Agora um teste, só por brincadeira: você consegue aproximar-se de uma pessoa com quem nunca conversou antes e fazer amizade? (Alguém de sua idade, ou mesmo vizinho, parente ou professor?) Quando se encena alguma peça em seu ramo, a qual você espera ansiosamente, demonstra que tem vontade de dirigir as luzes ou pintar os cenários? Quando o seu professor da AMM faz uma pergunta, tem coragem de levantar-se e respondê-la? Se sua vida é completa e feliz, a maioria das respostas será "sim". Não tenha medo de *confiar* na vida. A pessoa que se decide a passar no teste acima, ou seja, "dar o mergulho," está pronta a desafiar a vida. Mergulhe nela de todo o coração, se achar que isso o ajudará física, mental e espiritualmente. Uma das coisas maravilhosas sôbre o batismo, é que não conservamos nenhuma parcela de pecados. Somos totalmente redimidos e quando emergimos, voltamos renascidos. O Salvador disse: "Quem acha a sua vida, perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa, achá-la-á." (Mat. 10:39)

Desafio à vida

Beverly Evans



A PARTIDA DE UM GRANDE DE ISRAEL

O aeroporto de Congonhas em São Paulo apresentava movimento incomum na tarde de 24 de julho último. Aglomerava-se no grande saguão uma incalculável multidão de homens, mulheres e crianças que, emocionados, abraçavam em despedida uma família que ia embarcar, e quando finalmente o avião correu pela pista alçando vôo, centenas de mãos acenavam enquanto as lágrimas marejavam os olhos.

Era a família Beck que deixava o Brasil após uma permanência de 3 anos.

Nenhum brasileiro teve o privilégio de conviver mais de perto com o Presidente Beck e sua família nestes últimos 3 anos do que eu. Ninguém dentre os líderes locais da Igreja o conheceu mais intimamente; entretanto, parece-me agora extremamente

difícil escrever alguma coisa a seu respeito depois da partida.

Quantas e quantas vezes o Pres. Beck e eu nos assentamos juntos em conselho; presidimos as conferências dos santos em todos os distritos da Missão Brasileira; viajamos de automóvel ou de avião, percorrendo o Brasil no trabalho de cuidar das ovelhas do Senhor...

Tanto nas horas sombrias e difíceis em que tínhamos de consolar os irmãos ou ajudá-los a reencontrar o caminho perdido, quanto nos momentos agradáveis em que com eles partilhávamos as horas de alegria; assim nas ocasiões solenes como nos encontros informais em que juntamente com nossas famílias jantávamos fora ou passeávamos, nunca houve entre nós um só desentendimento, nunca um instante em que

lhes surpreendêssemos atitude menos digna ou mesmo um gesto menos louvável.

Certamente seria impossível que durante um período tão dilatado de convívio estreito entre dois homens, jamais se manifestasse qualquer divergência de opiniões. Aliás, nem seria de qualquer utilidade para um presidente ter um conselheiro que sempre concordasse, aprovasse e elogiasse tôdas as idéias apresentadas. A despeito da divergência de opiniões, entretanto, que muitas vezes se manifestava em nossas reuniões, nunca resultou chegarmos a um impasse, firmados ambos em posições divergentes, mas sempre concluímos encontrando a fórmula que, no dizer das escrituras, parecesse finalmente bem ao Espírito Santo e a nós.

Da permanência do Presidente Beck no Brasil, do convívio com os membros da Igreja em tôda parte, inúmeras serão as lembranças que os santos entesouraram em seus corações. Uns lembrarão a palavra amiga e compreensiva que reanimava nos momentos de angústia; outros recordarão a advertência firme nas horas em que era necessário chamar ao arrependimento em nome do Senhor; êstes guardarão na memória as lições do administrador atilado e perspicaz, enquanto aquêles comentarão o espírito simples e brincalhão do homem sem malícia; mas uma coisa existe que todos os que o conheceram e ouviram nunca mais poderão esquecer: a palavra inspirada do líder que expunha o evangelho com convicção porque o vivia com singularidade d'alma.

Dentre todos os temas tratados pelo Presidente Beck nas inúmeras vêzes em que expôs o evangelho, certamente o que mais se destacava era a sua constante preocupação com

o fortalecimento das famílias. Acho que êle merece entre nós o título de "apóstolo da família," que uma vez ouvimos ser-lhe aplicado. E tôda vez que uma família mórmon neste país se reunir de joelhos pela manhã e à noite, para agradecer as bênçãos recebidas de Deus e pedir orientação para os problemas de cada dia, sem dúvida a lembrança do Pres. Beck há de estar presente com êles. Tôda vez que os santos se reunirem para as suas noites familiares, cantando, brincando, estudando o evangelho e orando para fortalecimento dos laços de amor que os unem, a lembrança daquele servo do Senhor há de estar com êles, porque foi quem ensinou a importância da relação familiar no Reino do Pai Celestial. Foi êle quem enfatizou entre nós o valor dessa ligação para tôda a eternidade, e quem abriu os horizontes diante dos olhos de muitos para a esperança do dia futuro em que se restabelecerá a ordem patriarcal entre os filhos de Deus, quando cada chefe de família

será sacerdote em sua própria casa, e os pais e filhos unidos no mesmo propósito edificarão seus reinos eternos nas mansões que o Senhor tem preparado.

Agora que nos despedimos dessa família que se fêz tão querida aos corações de todos os membros da Igreja no Brasil, e sentimos o vácuo imenso que ficou com a sua partida (ainda que tenhamos a esperança de que a separação não seja por muito tempo), acho que é bem próprio parafrasearmos a escritura, dizendo: "Não sabeis então que estêve entre vós, em Israel, um príncipe e um grande?" e somos gratos ao Pai Celestial por êste servo escolhido que enviou ao nosso meio.

Queridos irmãos da família Beck, rogamos a Deus que com suas ricas bênçãos os acompanhe em todos os passos de sua vida e que vocês continuem a ser como até agora, não somente abençoados de Deus, mas também uma bênção para aquêles com quem venham a entrar em contato.

Da direita para a esquerda, irmã Evelyn, Pres. Beck e Susan; atrás, David e Curtis.



COMO CAÍSTE...

O trabalho do diabo nem sempre é trazido à baila de uma forma tão vívida e poderosa a respeito do poder do mal, como a experiência relatada por Heber C. Kimball e Orson Hyde, no encontro que tiveram. O diabo trabalha de muitas maneiras para lutar contra os filhos de Deus e seu reino. Usa de quaisquer artifícios imagináveis e possíveis para influenciar homens e mulheres, a fim de que se desviem das veredas da verdade e retidão. É o pai das mentiras e da decepção. De há muito que trabalha nisso e tornou-se não só mestre dessa arte, como também a ministra ao corpo de espíritos que o seguiram quando foi expulso dos céus, e àqueles que aceitam seus nefandos meios durante a existência mortal.

Nefi ensinou que o diabo utiliza-se de quatro meios específicos, a fim de desviar os homens do caminho do Senhor:

“Pois que, nesse dia, êle assolará os corações dos filhos dos homens e os excitará a se encolerizarem contra o que é bom.

“E a outros pacificará e os adormecerá em segurança carnal, de modo que dirão: Tudo vai bem em Sião; sim, Sião prospera, tudo vai bem, e assim o diabo engana seus corações e os conduz astutamente ao inferno.

“E a outros êle lisonjeia, dizendo-lhes que não há inferno; e lhes diz: Eu não sou o diabo, êle não existe e isso êle lhes sussurra aos ouvidos, até os agarrar com suas terríveis correntes das quais ninguém se liberta.” (2 Nefi 28:20-22)

Notem que êle afirma que Satanás os (1) “excitará a se encolerizarem contra o que é bom,” (2) êle os “adormecerá em segurança carnal... e os conduz astutamente ao inferno;” e (3) êle lhes diz: “Eu não sou o diabo, êle não existe. — e isso êle lhes sussurra aos ouvidos até os agarrar.”

Seja qual fôr o método que visa tornar os homens tão miseráveis como êle próprio — nunca muda. Êle está constantemente alerta, como aquêles que o servem, a cada oportunidade que pode ser usada para desviar os filhos de nosso Pai Celestial de seus caminhos de verdade e justiça e está sempre procurando fazer uso de meios que retardem o trabalho e o progresso do reino de Deus na terra.

Os líderes da Igreja de vez em quando nos previnem contra as seduções do diabo e seus seguidores, que tentam desencaminhar o homem da retidão.

Os espíritos malignos estudam uma pessoa e o meio ambiente que a envolve e se esforçam constantemente para

produzir os mais atraentes atalhos possíveis, a fim de que tal indivíduo se conduza sob sua poderosa influência. O Presidente Brigham Young declarou a respeito da espera astuta de Satanás e seus súditos:

“... tôda a pessoa que desejar e se esforçar para ser um santo é observada bem de perto pelos espíritos que caíram com Lúcifer, e pelos espíritos dos perversos que aqui vieram em seus tabernáculos e dêles se separaram, mas que ainda estão sob o contrôle do príncipe dos poderes malignos. Êsses espíritos jamais são ociosos; estão sempre vigiando cada pessoa que deseja agir bem e sussurram-lhes constantemente que ajam da maneira errada.” (J.D. 7, 239)

Os sussurros contínuos do diabo ou dos espíritos que o seguiram, como também dos espíritos dos homens e mulheres que já deixaram a vida, já se fizeram sentir por todos nós. A tentação de mentir quando somos apanhados em algo de que não queremos ser culpados, a tentação de tirar as coisas alheias, a tentação de ficar com o excedente de trôco ocasionado pelo engano de alguém, a tentação de falar mal de alguém, são exemplos das muitas facetas da conduta humana que bem ilustram os esforços diários que são feitos pelo diabo, a fim de nos influenciar a pecar.

O diabo está sempre a usar todos os estratagemas e meios enganosos possíveis para apanhar os seres mortais e os tornar cativos à sua vontade, para que possa fazê-los seguir por seus caminhos maléficos. Êle não luta somente contra os indivíduos, mas também contra o trabalho missionário de Jesus Cristo e contra a edificação de Seu reino.

O Presidente Wilford Woodruff afirmou que:

“Êste arquí-inimigo de Deus e do homem, chamado o Diabo, o “Filho da Alva” que habita aqui na terra, é um personagem de grande poder; possui grande influência e conhecimento. Entende que se êste reino, contra o qual se rebelou no céu... prevalecer na terra, êle não poderá dominá-lo. Há uma vastidão de espíritos caídos, expulsos da mesma forma que êle o foi, vivendo aqui na superfície terrestre. Êstes também não morrem ou desaparecem; não têm corpos, a não ser quando entram nos tabernáculos dos homens. Não possuem corpos visíveis aos olhos humanos. Mas há muitos espíritos malignos nos rodeando e trabalhando para sobrepujarem a Igreja e o Reino de Deus.” (Idem 13, 163)

Como ensinou Wilford Woodruff, o diabo está alerta quanto ao fato de que, se não interromper o progresso do reino de Deus, contra o qual se rebelou no céu, não

Ó LÚCIFER?



Alma P. Burton

haverá lugar aqui para êle no futuro entre os filhos mortais de Deus. Portanto, êle e seus adeptos estão continuamente tentando derrubar a Igreja e o reino de Deus.

Presidente Joseph Fielding Smith declarou o seguinte, a êsse respeito:

“Não nos esqueçamos que o Maligno tem grande poder na terra e que procura por todos os meios obscurecer as mentes dos homens e oferecer-lhes falsidade e decepção, disfarçando-as em verdade. Satanás é um imitador habilidoso e como o evangelho autêntico está sendo oferecido ao mundo de forma crescente, assim também êle difunde o lado oposto da moeda ou seja, as falsas doutrinas. Alertemo-nos contra sua moeda espúria, que comprará nada mais do que desapontamentos, miséria e morte espiritual.

“O ‘pai das mentiras’, como tem sido chamado por ser adepto de tal prática durante tôdas as épocas e devido, também, ao seu trabalho nefando, seria capaz de enganar até os próprios eleitos.” (J.I. 37-562, set. 1902)

Como indicou o Pres. Smith, o diabo usará quaisquer meios de desencaminhar os filhos de nosso Pai Celestial. Mais adiante nos adverte que não encontraremos satisfação alguma seguindo o sussurro e insinuações de Satanás e que, se aquiescermos às tentações do mal, nos depararemos com o desapontamento, miséria e morte espiritual.

Presidente Brigham Young declarou que o diabo só está interessado no trabalho de destruição e contrasta o trabalho do Maligno com a obra do Senhor:

“O diabo se deleita no trabalho de incendiar, devastar e destruir tôda a terra. Êle se delicia em convulcionar e lançar confusão nos negócios entre os homens, tanto política, religiosa como moralmente, introduzindo a guerra com seu longo rastilho de conseqüências temerosas. É o Maligno que causa tôdas as misérias e tôda a deformidade conhecidas pelos habitantes da terra. Mas o que é de Deus é puro, amável, santificado e cheio de tôda a excelência e verdade, não importa onde se encontre, no inferno, no céu, sôbre a terra ou nos planêtas.” (Idem 11, 240)

Percebemos pela declaração do Pres. Young que por meio da persuasão do diabo, a destruição, a miséria e a maldade visitam os habitantes da terra. Não deveria ser difícil reconhecer que as guerras, os assassinatos, os adultérios, como também os atos iníquos do mais baixo grau, são resultantes da influência dos espíritos malignos, através dos sussurros do diabo.

Segundo estas declarações somos levados a inquirir, “Quem é pois, Satanás?” Eis a resposta: “Êle é um anjo

de Deus que possuía autoridade perante Deus, e “que se rebelou contra o Filho Unigênito e se chamou Perdição, pois os céus prantearam por êle — era Lúcifer, o filho da manhã.” (D&C 76:25-26)

O Presidente John Taylor escreveu sôbre êste assunto:

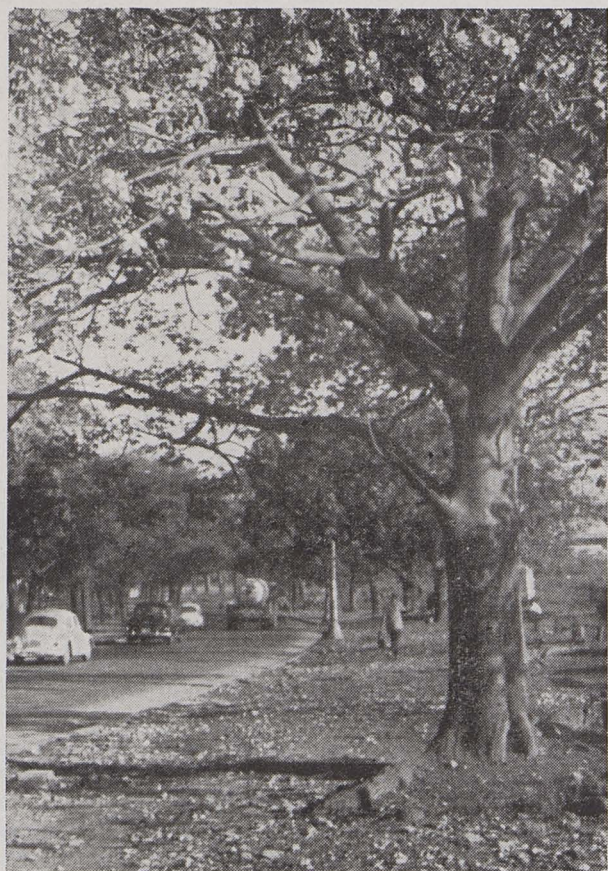
“Êle é um ser feito por Deus, sob seu contrôle, sujeito à sua vontade, expulso do Céu por sua rebelião; e quando seus serviços forem dispensados, um anjo o lançará para as profundezas do abismo. Poderá lutar e vencer a Deus? Na verdade, não! Poderá alterar os desígnios de Deus? Na verdade, não! Satanás talvez enfureça-se, porém o Senhor pode confiná-lo aos seus próprios limites. Êle talvez instigue rebeldia contra Deus, mas o Senhor pode acorrentá-lo.” (The Government of God, pág. 81)

Há vários meios pelos quais o demônio procura desviar os homens do caminho da retidão. Nefi afirmou que o Maligno influencia os homens a negarem o poder de Deus e a negarem Sua existência. Êle os influencia a ensinar que hoje em dia não há milagres. Influencia-os a proclamar que “podemos comer, beber e nos divertir, porque amanhã morreremos.” Êle os faz crer que Deus “os justificará se cometerem um pecadinho,” ao se aproveitarem de outrem devido às suas palavras”, ao cavar um abismo para seu vizinho. Êle influencia os homens a ensinarem doutrinas falsas, vãs e tolas. Influencia os homens sábios, eruditos e ricos para que sejam estimulados em seu orgulho e o sigam. Induz e acalenta alguns homens à “segurança carnal.” Ilude alguns e os conduz com todo o cuidado ao inferno.” Bajula outros e lhes diz que “Não há inferno”. Murmura aos ouvidos de muitos que “êle não é o diabo.” Influencia homens e mulheres a seguirem os preceitos dos homens e a negar o poder de Deus e o dom do Espírito Santo. Influencia outros a dizer, “Nós recebemos a palavra de Deus e não precisamos mais da palavra de Deus, pois temos o bastante.” (Vide 2 Nefi 28) Moisés registrou que o diabo é “o pai de tôdas as mentiras” e que sua obra visa “enganar e cegar os homens e levá-los cativos à sua vontade, mesmo a todos quantos não atenderam ao Senhor.” (Moisés 4:4)

Amulek testificou sôbre o poder do diabo de escravizar os mortais, conforme poderemos constatar em Alma 34:32-36.

Em tôdas as situações da vida onde o bem e o mal se nos apresentam, o Senhor está pronto para nos auxi-

(continua na pág. 38)



Rui M. Bronze

Jóias do Pensamento

TUDO SE RELACIONA...

Richard L. Evans

Aproximadamente há um século atrás, John Muir escreveu o Livro *“My First Summer in the Sierra;”* ao olhar a grande expansão da natureza, disse: “Nenhuma vista da Sierra tem qualquer coisa verdadeiramente morta ou monótona, nada do que é... chamado entulho ou desperdício; tudo é perfeitamente limpo, puro e repleto de lições divinas. Este interesse ligando-se a tôdas as coisas torna a mão de Deus visível; conseqüentemente, parece razoável que o que interessa a Ele interesse a nós também. Quando tomamos nas mãos qualquer coisa, vemos que ela está ligada a tudo o mais no universo.

Há uma evidência bem clara da unidade do universo, de uma infinita Inteligência, de um Administrador, de Deus e Seu eterno plano e propósito. Em certo sentido, nada é insignificante. Nenhuma pessoa, nenhum espécime deixa de ser importante; nenhum ato deixa de ter conseqüência; nenhuma palavra ou pensamento deixa de ser registrado; nenhuma oração deixa de ser ouvida; nenhuma necessidade deixa de ser notada. Quando colhemos qualquer flor, suas raízes estão prêsas no torrão de terra, como acontece com tôda rocha que é fendida das grêtas. Tôda a glória e beleza da primavera, o crescimento de uma semente, a colheita, o milagre de um nascimento, a cura do corpo e a sua renovação — tudo isto e mais uma infinidade de coisas adicionam convicção aos planos e propósitos divinos. Tudo isto traz fé, esperança e paz, extermina a tristeza e dissensão, guerras e iniquidades, egoísmo e dólo.

E o significado de tudo isso é que podemos nos tornar como Aquêle que nos fez à sua própria imagem, com possibilidades que são ilimitadas e eternas à medida que procuramos pela verdade, com coragem de aceitá-la quando a encontramos. Deus, o Pai, procura sòmente a nossa salvação, à medida que os corações dos pais tornam-se aos filhos e os dos filhos aos pais e compreendem o valor desta unidade. Deus nos ajuda a encontrar a nossa unidade com Ele, e uns com os outros, com a paz que provém do arrependimento e a segurança que temos de ser parte de seu grandioso propósito, de... “conseguir a imortalidade e a vida eterna do homem.” “Quando pegamos qualquer coisa, vemos que está ligada a tudo mais no universo.”



Milhares de pessoas ficaram surpresas pelo fato de que o Presidente David O. McKay pudesse estar presente, presidindo a dedicação do Templo de Oakland. Sua presença contribuiu com uma espiritualidade e uma atmosfera celestial que doutra forma teria faltado. Falou em tôdas as seis seções dedicatórias e esteve em pé pelo menos vinte minutos em cada seção. Falou por uma hora em dois diferentes intervalos. Muitos disseram: "Não esperávamos que estivesse na dedicação — e muito menos que falasse nas seções... faça-se a vontade do Senhor." Esta foi feita e o Profeta presidiu.

A vida atual do Pres. McKay atesta a validade e a veracidade dos princípios ensinados pelo Salvador. Ele é, para os milhões que o conhecem, *um vívido testemunho de Deus, de seu Filho Jesus Cristo e de seus ensinamentos.*

Foi criado e educado num lar que o ajudou a preparar-se para a sua grande missão. Através do exemplo e do preceito, seu pai, David McKay e sua mãe, Jennette E. Evans, ensinaram-lhe as grandes verdades pelas quais viver. Sua fé indômita no Deus vivo foi-lhe instilada bastante cedo. Esta fé e compreensão têm crescido à plena maturidade de sua vida.

O irmão do Presidente McKay, Thomas, disse sobre ele: "O que quer que *David O* (tratamento carinhoso) empreendesse, ou estudasse, ou qualquer atividade que abraçasse, ele o fazia com todo o seu ser. Jamais houve uma tentativa tibia de sua parte." Dessa forma, "com todo seu coração, poder, mente e alma", tem ele buscado o Reino por viver os ensinamentos de Jesus Cristo. Aquê-

les que o conhecem melhor e que têm trabalhado com ele por mais tempo, dizem que o Presidente parece seguir Jesus em todo pensamento e ato.

Do evangelho, tal como ensinado pelo Cordeiro de Deus, pode-se escolher qualquer princípio e vê-lo exemplificado na vida do Presidente McKay. A conclusão é sempre a mesma: os princípios ensinados por Jesus podem ser aplicados e vividos. A bênção intrínseca do princípio torna-se posse "daquele que o vive."

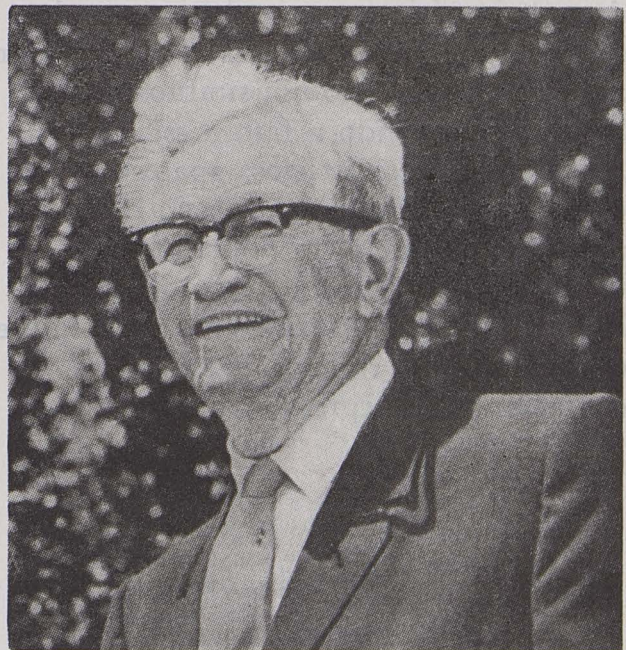
O princípio da Fé. A vida do Presidente McKay demonstra coragem, atitude positiva, intrepidez e força na sua conduta diária. Resultado: sua bênção é uma fé em Deus indômita, vibrante e vivificante. Esta é perceptivelmente uma fonte de força e alegria para ele e ele a irradia.

Os princípios de amor, paciência, bondade e consideração. Estas virtudes são praticadas tão completamente por ele, que os que trabalham perto do Profeta e mesmo visitantes estranhos, igualmente declaram: "Ele irradia uma espiritualidade que se sente ser celestial e divina". Sua aparência, palavras, gestos e pensamentos, tudo irradia atributos divinos possuídos apenas por um, em cuja vida Deus fez-se manifesto. Resultado: sua bênção é a posse da paz, da alegria e da boa vontade para com os homens.

O princípio: A glória de Deus é a inteligência. A vida do Presidente McKay demonstra diligência como estudioso. Ele desenvolveu a agudeza mental, uma vigilância para a verdade. Ele conhece, entende e vive as Sagradas Escrituras — cita e interpreta os escritos dos "grandes" tanto em prosa como em verso ("a verdade é a verdade onde quer que seja encontrada"). Resultado: sua bênção é o conhecimento de Deus.

No Sermão da Montanha, Jesus advertiu contra os falsos profetas. Instruiu seus ouvintes: "Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis." (Mt. 7:20)

Em nosso amado Profeta David O. McKay temos a personificação dos frutos do evangelho.



Nosso profeta

David O. McKay

Willis S. Peterson

Das brumas da história nos vem à lembrança o primeiro dos grandes impérios universais. Foi a grande cidade estabelecida junto às margens do rio Eufrates e ao sul da Mesopotâmia e que com o correr do tempo pela agressividade do seu povo, conquistou quase todo o mundo conhecido naquela época, tal como se verificaria alguns séculos mais tarde em Roma.

Babilônia, cujo império atingiu seu clímax no reinado de Nabucodonosor, o grande rei que havia conquistado para seu país povos, terras e riquezas; que no ápice do seu poder e glória construíra para sua esposa, uma princesa oriunda da Média, os célebres jardins suspensos da Babilônia, uma das maravilhas do mundo antigo. Grandes e importantes coisas haviam sido reveladas àquele povo através do profeta Daniel, que tinha sido levado para a Babilônia como cativo, quando da conquista do reino de Judá pelo rei Nabucodonosor.

Alguns anos depois deparamo-nos com o reinado de Belsazar, filho e herdeiro de Nabucodonosor. Nos dias de agonia daquele império e sem conhecimento do que os aguardava, oferecia o rei Belsazar aos grandes do reino um suntuoso banquete. Quando o festim estava no auge, uma mão misteriosa apareceu e escreveu nas paredes do palácio real palavras que ninguém podia entender. O temor apoderou-se do rei e dos demais. Foram chamados os sábios, os astrólogos e os adivinhos do rei, mas estes não conseguiram interpretar a mensagem.

Então a rainha lembrou-se de Daniel, que nos dias de Nabucodonosor havia revelado importantes coisas. Daniel foi introduzido à presença do rei. “Qual o significado das misteriosas palavras?” perguntaram-lhe. “Contou Deus o teu reino e o acabou. Pesado fôstes na balança e . . . achado em falta.”

Desejo deter-me um pouco mais na segunda parte desta escritura. Os atos, a vida e as realizações do rei Belsazar haviam sido naquele dia pesados na balança divina. Num dos pratos, foram colocados o bem e a justiça praticados em sua vida. No outro prato, foi colocado todo o mal. E o saldo, qual foi?

O lado do bem fôra achado em falta. Naquela mesma noite Belsazar foi morto pelas mãos dos medos e persas, conquistadores de Babilônia. Mas como haviam conseguido penetrar na cidade?

Poderosas muralhas circundavam a cidade, para defendê-la dos ataques inimigos. Os seus ocupantes estavam tranqüilos quanto à sua segurança, mas na calada da noite os medos sorrateiramente ocuparam a cidade.

Alguns quilômetros de distância, longe da vista das sentinelas da cidade, trabalhavam os medos na construção de um grande reservatório para onde pudessem desviar as águas do Eufrates, com o fim de entrar na cidade através do leito sêco do rio. E tudo isto acontecia longe da vista do povo babilônico.

Oh! Insondáveis desígnios do Eterno, que transforma as possibilidades humanas e suas grandes invenções como loucuras diante de Seus olhos!

Naquela noite, enquanto um povo dormia e os grandes se banquetavam na presença de seu rei, uma cidade era tomada e vencida, enquanto seu rei era pesado na balança da justiça divina e achado em falta. Um dia também, como o rei Belsazar, seremos pesados na balança divina, aquela balança da qual só Deus é conhecedor dos pesos e medidas. Poderíamos dizer: guardo os 10 mandamentos, a palavra de sabedoria, o jejum, o dízimo e assisto as reuniões.

Algumas vezes temos a ilusão de que isto constitui todos os mandamentos. Mas não. Em Malaquias nos é revelado o seguinte: "Eis que eu vos envio o profeta Elias antes que venha o grande e terrível dia do Senhor, e converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos aos pais, para que eu não venha e fira a terra com maldição."

Como santos dos últimos dias, somos conhecedores de que esta revelação refere-se à obra genealógica, a qual, desde a aparição de Elias ao profeta Joseph Smith, no templo de Kirtland em 1836, está-se desenvolvendo entre nós, como

cumprimento à profecia. Como nos diz a escritura, "para que eu não venha e fira a terra com maldição," a vinda de Jesus para os que não cumprem este mandamento será como uma maldição. Deus certamente fará sua parte neste trabalho. Se por negligência nossa o mesmo não fôr executado, nossos antepassados, com toda a certeza, terão uma oportunidade, pois Deus é justo. Entretanto, nós não teremos a oportunidade de sermos salvadores em Sião e herdeiros da exaltação. O Salvador, resumindo os dois grandes mandamentos, disse-nos que devemos amar ao nosso próximo como a nós mesmos. Teremos nós, realmente, amor ao próximo se não amamos aqueles que nos deram, sem dúvida alguma, a oportunidade de estarmos vivendo atualmente na terra? E a maior evidência disto é a nossa obra genealógica. Que possamos estar conscientes de todos os mandamentos que temos a cumprir nesta vida e que no dia em que Deus nos pesar em sua balança possamos ser achados suficientes para sermos herdeiros daquele reino, é o que rogo em nome de Jesus Cristo. Amém.

Pesado fostes na

balança e...

Artigo do irmão Élder Rodrigues,
do ramo de Araraquara,
1.º colocado no Concurso
Literário da Liahona

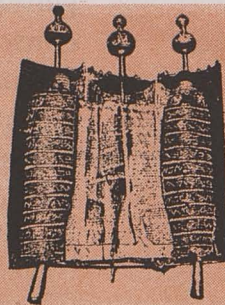
A PARTIR DE CUMORAH

NOVAS VOZES DO PÓ

Hugh Nibley

professor de História e Religião
na Universidade de Brigham Young

**RESSURGEM
AS COISAS
PRECIOSAS**



As Logias recém-descobertas são particularmente relacionadas com os escritos pseudo-clementinos que representam os mais antigos ensinamentos possíveis da Igreja cristã e ao mesmo tempo mostram a mais próxima afinidade com o ambiente dos Manuscritos do Mar Morto — o que vale dizer que todos esses documentos ensinam as mesmas coisas com as mesmas palavras.¹⁸⁶ Os Ditos, provenientes de várias fontes, exibem considerável variedade e ampla evidência de adaptação e alteração; alguns são abreviações e outros são versões acrescentadas das palavras do Senhor existentes no Novo Testamento; alguns combinam elementos e episódios que aparecem separados e desconexos na Bíblia (compare-se com III Nefi); outros misturam material neo-testa-

mentário com material extra canônico, enquanto outros ainda são completamente diferentes de tudo que existe nos evangelhos.¹⁸⁷ As Logias como um todo não seguem nenhuma ordenação doutrinária consistente, mas parecem ter sido simplesmente reunidas ao acaso, como se se tratasse de anotações feitas em ocasiões diferentes, em lugares diversos, à medida que o Senhor falava.¹⁸⁸ Na realidade, H. Köester insiste em que o mais importante não é que um certo dito tenha provindo realmente de Jesus, mas que tivesse sido considerado como autêntico pelos primeiros santos, pois com isso somos levados ao coração da Igreja Primitiva, podendo observar suas crenças e práticas.¹⁸⁹

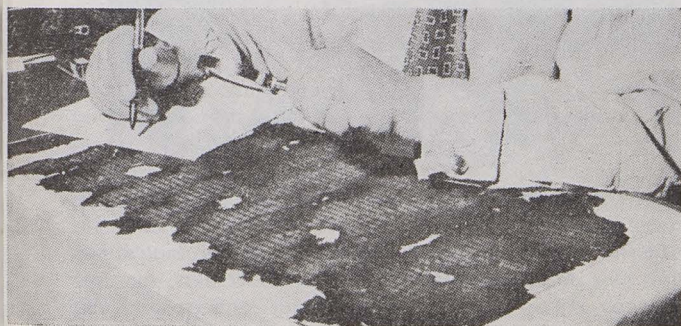
Foram os caçadores de hereges de eras posteriores que destruíram a

antiga imagem, suprindo todos os ditos que não coincidiam com o seu próprio conceito de ortodoxia.¹⁹⁰ Aqui vemos o cumprimento literal da profecia de Nefi, de que muitas coisas preciosas que procederam da boca do judeu seriam tiradas do Livro do Cordeiro. A expressão peculiar de Nefi, tantas vezes repetida "...saiu da boca do judeu..." (I Nefi 13:24) é uma clara referência à Logia (expressão oral) e sua afirmativa de que os apóstolos "prestam testemunho" dessas coisas por escrito, apoia a tese atualmente proposta de que "à luz dos documentos recém-descobertos" verifica-se que havia "coleções de ditos de Jesus antes que nossos evangelhos canônicos fossem escritos", e que eles foram originalmente baseados nessas coleções.¹⁹¹

Lado a lado com os documentos provenientes de velhos centros cristãos e judaicos, não podemos ignorar outros de origem mais exótica, porquanto os santos do passado haviam sido expulsos e perseguidos, e nunca podemos imaginar onde vão surgir suas pegadas e seus escritos. Por exemplo, em 1909 um dito de Jesus ("Disse Jesus: a vida é uma ponte — não repouseis sobre ela, mas passai apressadamente") foi achado escrito em

língua árabe em cima de dois portões de uma mesquita existente em um palácio, numa cidade mongólica em ruínas, no norte da Índia. Descobertas documentárias posteriores indicam que essa pode muito bem ser uma expressão autêntica de Jesus, a despeito de sua surpreendente origem.¹⁹²

E o que diremos dos escritos mandeanos, com suas antigas doutrinas e ordenanças, que são ao mesmo tempo judaicas e cristãs?¹⁹³ Ainda que descobertos a longa distância no oriente, são hoje encarados como representativos “talvez de uma velha versão da tradição israelita-samaritana do norte”, tão antiga quanto os dias de Isaías e da dispersão; e embora “inteiramente livres de influência cristã, guardavam o domingo como dia sagrado.”¹⁹⁴ Eis aqui alguma coisa que merece ser vista — uma sociedade de sectários do deserto, que se assemelhavam estranhamente aos cristãos, cujos ancestrais, entretanto, deixaram Jerusalém antes dos dias de Lehi.



Um dos numerosos manuscritos antigos, encontrados pelos beduínos nas últimas décadas. Esses documentos datam do século II a.C.

aplicá-lo aos textos...¹⁹⁶ O problema é não haver concordância quanto ao significado do termo “gnóstico,” como F. C. Baur notou cerca de cem anos atrás.¹⁹⁷ As discussões a respeito do gnosticismo ainda hoje são fúteis, “pois o ‘gnosticismo’ não é um conceito estabelecido, possuindo fontes definidas... Sem um método crítico-histórico, é impossível ir mais longe.”¹⁹⁸

Hoje costuma-se dizer que, “para o judeu... o cristianismo deve ter parecido uma *gnosis* excêntrica e gentílica, enquanto que para o gentio, há de ter parecido excêntrica e judaica.”¹⁹⁹ Seja o que for que achemos excêntrico, denominamos gnóstico. Esta é uma prática moderna, entretanto, “...êsse termo descreve não uma categoria histórica antiga, mas uma categoria moderna e seu uso tumultuado tem freqüentes conseqüências confusas.”²⁰⁰ Foi somente no século XVIII, na realidade, que o termo gnóstico passou a ter conotação pejorativa.²⁰¹ Schoeps diz que as

Atualmente está surgindo a teoria de que o gnosticismo teria surgido do seio do judaísmo heterodoxo, onde teria crescido independentemente, ainda que apresentando influência do pensamento religioso helênico e oriental. Alguns chegam a ver nos Manuscritos do Mar Morto os primeiros escritos gnósticos!²⁰⁶ Dêsse modo voltamos à usual superposição e confusão: “Gnosticismo,” escreve Van Unnik, “é uma hidra de muitas cabeças... o número de especulações e os bizarros padrões que geralmente apresenta são suficientes para conseguir atordoar qualquer um!”²⁰⁷

Falou-se bastante, recentemente, de uma *gnosis* pré-cristã que “se origina nas concepções judaicas heterodoxas... e no sincretismo pré-asiático em geral. Em suas origens, a *gnosis* (de acôrdo com esta teoria) é ocultismo judaico do Oriente Próximo e misticismo oriental.”²⁰⁸ Isso cobre bastante terreno, mas é apenas o começo. Para Cullmann, os escritos clementinos, aos quais tantas vezes nos referimos, “ligam-se” a uma “corrente particular de gnosticismo judaico”, melhor ilustrado pelos Manuscritos do Mar Morto, “uma espécie de gnosticismo judaico... que podemos considerar como o bêrço do cristianismo.”²⁰⁹

Assim, temos aqui o cristianismo primitivo e os sectários judaicos reunidos num ambiente gnóstico comum. Para H. J. Schoeps, isso é puro absurdo: “Gnosis nunca foi outra coisa que não *gnosis* pagã,” insiste êle, sendo que os escritos pseudo-clementinos foram na realidade vigorosos ataques *contra* o gnosticismo.²¹⁰

Alguns enxergam na *Odes de Salomão* uma obra gnóstica intimamente ligada à Pistis Sofia e a um “judaísmo não oficial”, que Battifol chamou de gnóstico, embora destacando que a cristologia das *Odes* é “inteiramente independente de qualquer especulação gnóstica”²¹¹; dizem outros que elas são gnósticas, num sentido peculiarmente cristão.²¹² E Klijn conclui agora que são “uma obra genuinamente cristã.”²¹³ Se forem gnósticos, R. Harris conclui, “Só podemos dizer ‘prouve a Deus que todo o povo do Senhor fôsse gnóstico’.”²¹⁴

Desde o momento em que foram publicados, os textos de Nag Hammadi foram taxados de gnósticos, mas imediatamente a questão costumeira se levantou. Puech e Quispel, por

Para o estudioso do Livro de Mórmon, deve ser irresistível o impulso de investigação a êsse respeito!

A questão gnóstica. É comum entre os eruditos, recusarem qualquer descoberta recente, que apresente ensinamentos ou implicações perturbadoras, classificando-as como “gnósticas.” A respeito da Apócrifa Judaica, Gaster escreve: “Quase tôda seita que não concordava com os dogmas da igreja considerada ortodoxa nos primeiros séculos, que usava termos místicos ou alegóricos e desenvolvia um sistema independente de cosmologia, escatologia e soteriologia, era indiscriminadamente descrita como *Gnóstica*.”¹⁹⁵ “Nada é mais fácil,” escreve R. M. Wilson, “do que estabelecer um esboço esquemático de crença, seja ortodoxa, gnóstica ou judaico-cristã e

presentes discussões sôbre gnosticismo são apenas “batalhas simuladas,” uma vez que cada um entende diferentemente o significado de “gnosis.”²⁰²

Para os escritores patrísticos e para os historiadores de um século atrás, a *gnosis* era simplesmente a invasão do evangelho pela filosofia grega.²⁰³ Entretanto, anos atrás, Mosheim notou o forte sabor oriental dos ensinamentos gnósticos e muitos passaram a considerá-los como intrusões orientais.²⁰⁴ Mas uma vez que tanto os elementos gregos como os orientais eram evidentes, e desde que ambos se haviam fundido de maneira notável no mundo helênico, um censo geral logo considerou o gnosticismo como um sincretismo ou síntese dos dois elementos, que comumente se supunha ter ocorrido no Egito.²⁰⁵

exemplo, depois de cuidadosos estudos concluíram que o nôvo apócrifo de Tiago “é talvez gnóstico e, provavelmente, valentiniano,”²¹⁵ enquanto que Van Unnik afirma que êle se originou em uma pequena comunidade religiosa, ainda não afetada pelo gnosticismo, entre 125-150...²¹⁶

A maioria dos eruditos crêm que a Epístola dos Apóstolos é ortodoxa, mas G. Bardy acha que é gnóstica.²¹⁷ O evangelho gnóstico de Tomé tem muita coisa que se desvia do gnosticismo e muita coisa que está mais ligada às doutrinas da “grande igreja”;²¹⁸ como o classificaremos?

Se tentarmos classificar um documento por seus ensinamentos, caímos numa situação sem esperanças, pois metade dos ensinamentos gnósticos — a pré-existência, êste mundo, considerado como um lugar de provação, a criação espiritual, o cuidado de esconder certos ensinamentos do mundo, a filiação divina do homem, a glória de Adão na pré-existência, etc. — foram sustentados pela igreja primitiva²¹⁹, e a outra metade — a incognoscível e inefável natureza de Deus, o livre uso da alegoria na interpretação das escrituras, a invocação da filosofia como fundamento teológico, a antítese entre a matéria que é má e o espírito que é bom; a busca de Deus através do misticismo, etc.²²⁰ — foram adotados pela igreja subsequente, de tal forma que não há doutrinas peculiarmente gnósticas que separem o gnosticismo dos pontos de vista cristão ortodoxos. Para alguns, a própria essência do gnosticismo era a crença na revelação direta. Para outros, era a negação da revelação direta.²²¹

Como pode alguém falar em uma religião gnóstica? Irineu disse que não existiam dois ou três gnósticos que pensassem do mesmo modo.²²² “Gnosis,” conclui Bultmann, “é a expressão de várias tradições mitológicas e filosóficas e, por isso, pode ser caracterizada como fenômeno de sincretismo.”²²³ Com suas doutrinas e práticas oriundas de uma dúzia de fontes diferentes, haveria algo em comum entre todos os gnósticos? Alguns eruditos insistem em dizer que o gnosticismo era uma religião, só “uma religião mundial sui generis, que não só influenciou o neoplatonismo e o cristianismo, mas competiu com êles pela supremacia.”²²⁴ Foi um grande movimento independente, uma



Jerusalém no tempo de Cristo, quadro de H. C. Selous, da escola inglesa do século XIX.

autêntica religião de mistério, cujas raízes se firmavam no solo religioso do Oriente Helenizado, sendo suas principais fontes de doutrina o Pseudo-Zoroastro grego e o Hermes Trimegisto.²²⁵

“Mas,” outros perguntam, “quem foram os fundadores, os líderes e os santos dessa igreja gnóstica pré-cristã? Quem foram seus membros, além dos cristãos e judeus extravagantes? Onde era sua sede? Por que nenhum contemporâneo parece conhecê-los? Por que não temos evidências documentárias de nada parecido com uma gnosis anterior à era cristã?”²²⁶

Foram os mandeanos que primeiramente usaram a palavra gnosis, porque “manda” significa o mesmo que gnosis. Êsse povo era também denominado docetista, uma palavra sama-

ritana que remonta aos tempos do exílio em 721 a.C.²²⁷ Seu sistema é aclamado com o mais puro e mais antigo do gnosticismo, embora os docetistas tivessem sido os mais profundos anti-gnósticos, na opinião de alguns eruditos; tiveram sua origem no “solo da Palestina” e foram “intimamente ligados ao movimento cujo protagonista principal foi João Batista...”²²⁸ Referimos também em outro lugar que êsse povo parece ser descendente de Jonadab ben Rechab, que deixou Jerusalém nos dias de Lehi, pelas mesmas razões que êste último — fugir da maquinação dos “iníquos judeus de Jerusalém” para viver no deserto tôda a pureza da Lei.²²⁹ No meio dessa confusão, o leitor pode começar a suspeitar que entramos em algo semelhante à fusão dos elementos

cristãos e judaicos do Livro de Mórmon. Quando os Manuscritos foram pela primeira vez examinados, Brownlee classificou como tendo “notável afinidade” entre si, as religiões de Qumran, os participantes do convênio de Damasco, os essênios, os terapeutas do Egito e o movimento de João Batista, declarando significativamente que “a essa lista acrescentaria a cristandade primitiva...”²³⁰ Há tempos atrás, R. H. Charles sugeriu que, quando “uma grande parte dos sacerdotes tornava-se obediente à fé (Atos 6:7), tratava-se com certeza, de um desses grupos sectários unindo-se à Igreja” e Brownlee especificamente sugere os irmãos de Qumran.²³¹ Os temas comuns aos escritos sectários judaicos e cristãos primitivos mostram que os sectários essênios constituíam um frutífero campo de evangelização (trabalho missionário cristão), de acordo com o Professor Cross, “e que eles, por sua vez, tinham influenciado na formação de certas instituições da Igreja apostólica e também da sub-apostólica.”²³²

Uma vez que as novas pesquisas têm sido feitas entre os sectários, o termo “essenismo” veio a ser comumente usado num sentido amplo e genérico, como uma espécie de “denominação global ou conceito fronteiriço para o judaísmo heterodoxo.”²³³ No século IV, Epifânio classificou as setas desérticas do Mar Morto e Jordão como possuidoras de crenças e práticas em comum, mas possivelmente por isso mesmo, terrivelmente hostis umas às outras.

“Os sampseanos ou elkesaitas,” escreve êle, “ainda existem na Arábia, onde vivem perto do Mar Morto. Seguidores de um falso profeta... eles assemelham-se muito aos ebionitas, em quase tudo,” sendo que êstes últimos são, por sua vez, quase iguais aos ceríneos e nazoraeanos, que afirmam ser o verdadeiro Israel, mas também são parecidos com os gorgetois, que são chamados de essenos, e que são praticamente o mesmo que os docetistas e assim por diante.²³⁴

Ortodoxos, judaico-cristãos, gnósticos, “...seriam essas três correntes tão claramente distintas, nos primeiros estágios da história da Igreja,” pergunta Wilson, “ou não deveríamos esperar encontrar uma certa interpenetração de pensamento, uma gradual solidificação em linhas demarcatórias?”²³⁵

A Verdadeira Gnose. Cada erudito tem sua própria solução para as equações gnósticas, mas nenhum deles foi bem sucedido em equilibrar sua equação aos olhos dos outros. Schoeps falha nesse sentido, pela mesma razão que os outros, pois não leva em conta todos os fatores.

Um fator em particular é sistematicamente ignorado, ou seja: o pronunciamento claro e reiterado de todos os escritores mais antigos da Igreja, sobre o assunto, de que *havia uma gnose verdadeira.*

A palavra “gnose” aparece vinte e sete vezes no Novo Testamento, e sempre se refere ao conhecimento que vem através da revelação.²³⁶ A mais antiga definição cristã de gnose (ignorada sistematicamente pelos estudiosos do gnosticismo) é de que se tratava “daquele ensinamento que o Senhor dera secretamente a Pedro, Tiago e João, depois da ressurreição e que eles transmitiram aos outros apóstolos e aos setenta.”²³⁷

Não existe registro de que tenham ido além. Irineu, que chama a isso “a verdadeira gnose”, insiste em dizer que tal conhecimento foi passado pelos apóstolos aos bispos e desses aos membros da Igreja, em seus próprios dias.²³⁸

Mas, escritores mais antigos e mais corretamente informados contam outra história: “quando o côro santo dos apóstolos terminou a sua vida de maneiras várias e passou a geração daqueles que tinham ouvido a sabedoria divina, com seus próprios ouvidos, na mesma ocasião a conspiração do erro ateu levantou-se através do ardil dos falsos mestres que, tão cedo os apóstolos partiram, logo se manifestaram abertamente, iniciando uma campanha de combinar os ensinamento da verdade, com aquilo a que *falsamente* denominavam gnose.”²³⁹ Da noite para o dia a igreja apinhou-se de embusteiros que afirmavam conhecer os ensinamentos que o Senhor dera aos apóstolos, em particular; brotaram como cogumelos e, logo a maior parte do povo os estava seguindo.²⁴⁰ Os primitivos escritores são sempre escrupulosos em denominá-los “falsos gnósticos”, “os que a si mesmo se chamavam de gnósticos”, “os assim chamados gnósticos,” e desse modo preservam uma cuidadosa distinção entre a falsa e a verdadeira gnose.²⁴¹

Os incontáveis impostores fizeram, cada um deles em separado, tudo o

que puderam para convencer o mundo de que somente a sua igreja era a verdadeira, antiga e única herdeira da Igreja original e que somente ela possuía os ensinamentos dados aos apóstolos depois da ressurreição; e o estrepitoso sucesso que acompanhou muitos deles constitui clara indicação de como o mundo cristão estava ávido daquele tipo de conhecimento.

Hoje em dia, alguns sugerem que o gnosticismo era apenas um estado de espírito e aceitam a definição de W. Köhler, como um “impessoal movimento religioso de massa.”²⁴² Era um movimento geral de andar às apaladelas atrás de algo que todos sentim a que a igreja deveria ter, mas que já não possuía; o gnosticismo seria, antes de mais nada, um fenômeno de vazio. A gnose correu a preencher um vácuo que não existira enquanto os apóstolos ainda viviam; ela “reconhecia uma necessidade real da mente;”²⁴³ os gnósticos cristãos sentiam que seus ensinamentos “complementavam o que ficava faltando para completar a síntese para a qual tendia o pensamento religioso.”²⁴⁴

Não haviam, Cristo e os apóstolos, oferecido aquilo? Eles o haviam feito exatamente *depois* da ressurreição e era êsse o ensinamento de que o povo sentia falta — a gnose — “algo extra que havia permanecido como um segredo para os não iniciados...”²⁴⁵

O problema com os assim chamados gnósticos não é que eles declarassem possuir as maravilhosas revelações de após a ressurreição, e sim o fato de não as possuírem — estavam apenas simulando ou sonhando coisas; não possuíam gnose alguma e, quando chegou a hora de mostrarem o que sabiam, já que cada um impugnava as pretensões de exclusividade do outro, foram apanhados de mãos vazias — *tinham* de apresentar alguma coisa: daí a febril e irresponsável pressa em emprestar todos os restos e sobras de qualquer doutrina oriental que lhes caísse nas mãos; daí o solene e impressivo apelo à filosofia — especialmente o oculto e misterioso evangelho do neoplatonismo; daí a disposição de fazer uso completo de todos os escritos sagrados, genuínos ou não, ou mesmo forjar outros. O que tornou o estudo do gnosticismo tão complexo e desesperadoramente confuso, foi a necessidade dos gnósticos, de utilizarem tudo o que fosse possível para alimentar suas caldeiras.

Era fácil demonstrar a insensatez das pretensões gnósticas, mas o que teriam os outros para pôr no lugar? Nada. A derrota do gnosticismo só foi possível ao preço de concessões substanciais, ainda claramente visíveis na estrutura da teologia cristã.²⁴⁶ “A Igreja Principal não tinha escôlha,” disse C. Schmidt, “senão seguir o mesmo caminho.”²⁴⁷ Harnack disse: “No catolicismo, o gnosticismo ganhou meia vitória.”²⁴⁸ De fato, Harnack acreditava que os gnósticos eram “simplesmente os teólogos cristãos dos primeiros séculos da Igreja,” sendo que a única diferença real entre eles e os doutores que surgiam mais tarde era que lançaram abruptamente na Igreja uma teologia que os últimos só aceitaram gradualmente.²⁴⁹ No período inicial, “é perigoso,” somos admoestados, “tratar os gnósticos, os apologistas e outros como grupos dis-

que o “valentinianismo (a forma mais representativa do gnosticismo) era mais cristã do que a maioria dos seus adversários desejaria que pensássemos.”²⁵² Uma acusação comum contra o gnosticismo é que afirmam saber as respostas às grandes perguntas da vida, mas qual a religião que não faz o mesmo? Afinal de contas, são essas as perguntas “que agitam a humanidade perpétuamente.”²⁵³ Não existe um ensinamento gnóstico que algum outro gnóstico não rejeitaria ou que algum cristão ortodoxo não aceitaria.

Entretanto, o que queremos dizer por cristão “ortodoxo”? Se o soubéssemos, não teríamos dificuldade em identificar heréticos e gnósticos, simplesmente como aqueles que discordam da “Igreja Principal.” Mas a “Igreja Principal” é um termo estritamente moderno, inventado para des-

me silêncio,” de tal forma que sua redescoberta, em nossos dias, surgiu como a maior das surpresas.²⁵⁵

Por que, então, as bem conhecidas obras cristãs-ortodoxas, incluindo-se os escritos de Paulo e João, as Odes de Salomão e os Reconhecimentos Clementinos são tão cheios de expressões gnósticas? Não porque sejam gnósticas como geralmente se pensa, diz Schoeps, mas precisamente porque lutam contra os gnósticos, sendo que para assim agir mais efetivamente precisavam empregar o jargão familiar dos próprios gnósticos.²⁵⁶

Exatamente do mesmo modo como os escritores anti-gnósticos são um autêntico guia para o gnosticismo, assim também as práticas e ensinamentos dos falsos gnósticos são um seguro guia para conhecermos a natureza da verdadeira gnose que estavam simulando. Se “Simão, o Mago (o arqui-gnóstico) prometia um batismo para a vida eterna,”²⁵⁷ não quer dizer que não existisse batismo cristão primitivo genuíno, ou que os gnósticos tivessem inventado a idéia de batismo, que seria desse modo uma interpolação da fonte. Se os marcosianos inventaram um falso sacramento, com produtos químicos que faziam a água parecer transformar-se em sangue, isso não quer dizer que não existisse sacramento cristão primitivamente e que a prática tivesse sido introduzida em imitação posterior aos gnósticos; se os valentinianos tinham uma paródia de inspiração profética, estimulada pela ingestão de drogas e poções; ou se encenavam sua exótica versão do casamento celestial, isso não quer dizer que não existisse profecia nem ordenanças de casamento na igreja primitiva.²⁵⁸ O que era particularmente pernicioso a respeito desses enganadores, conforme indicou Irineu, é que misturavam tudo, fazendo um convincente alarido... tomando liberdades com os ditos do Senhor, tendo-se tornado maus intérpretes da palavra boa e correta... persuadindo a muitos de que possuíam a gnose... Eles discutem muito convincentemente... fazendo a verdade e a falsidade parecerem semelhantes... fazendo com que tudo o que dizem pareça mais verdadeiro do que a própria verdade...²⁵⁹ Não é de se admirar que os homens tenham permanecido tão confusos a respeito dos gnósticos desde então — fazer confusão era a sua especialidade.



A escavação cuidadosa, feita por homens experimentados, geralmente resulta em descoberta de novos registros de povos quase totalmente esquecidos.

tintos e separados,” e desde que os “gnósticos permaneceram positivamente ligados à Igreja ‘ortodoxa’ até cerca de 180... torna-se uma questão aberta sabermos até onde podemos realmente fazer uso de termos, como *ortodoxo* e *herético* nesse estágio.”²⁵⁰

Quíspel mostrou como os grandes mestres neoplatônicos, gnósticos e “ortodoxos” foram todos “educados no mesmo meio intelectual, foram todos nascidos no Egito, todos frequentaram a mesma universidade de Alexandria, onde todos ficaram impregnados do mesmo platonismo eclético,” e pergunta-nos, “o que significaria, em tempo tão remoto, o termo *herético*?”²⁵¹ Precisamos ter em mente que, “até agora a história do gnosticismo cristão tem sido escrita por seus inimigos” e, em vista das novas descobertas, poderia parecer atualmente

crever algo para que os antigos não possuíam palavra e do que, conseqüentemente não tinham conceito. A distinção só foi estabelecida depois que tudo estava consolidado — não por concílio formal ou um decreto, mas imperceptivelmente através de uma longa série de compromissos. Até então, a Igreja Cristã, durante a grande crise foi, como a igreja judaica, um enxame de seitas, cada qual afirmando ser a original, mas nenhuma sendo capaz de prová-lo.²⁵⁴ Mas quando um ganhador apareceu — aquele partido que contou com a simpatia e força do imperador do seu lado — esse partido pôs mãos à obra e eliminou completamente qualquer traço de seus antigos rivais: “Os perdedores não somente foram cobertos de terra e grama verde,” como escreve Schoeps, “mas também por um enor-

Voltando aos nossos textos recentemente descobertos, tanto cristãos como judaicos, notamos uma coisa estranha a seu respeito; ao mesmo tempo em que eram tidos como gnósticos, por causa das idéias e expressões gnósticas que apresentavam, seus ensinamentos eram esmagadoramente anti-gnósticos — na verdade, os mais importantes deles foram declaradamente escritos como panfletos anti-gnósticos.²⁰⁰ Já vimos a maneira pela qual êsse fato explica a presença de muitas expressões gnósticas nêles. Os docetistas, freqüentemente considerados os primeiros gnósticos, pregavam o milenialismo extremo, a ressurreição da carne, o batismo e o literalismo bíblico — todos êsses ensinamentos detestados pelos verdadeiros gnósticos! Sabemos que os gnósticos “lançaram fora todo o complexo escatológico de idéias,”²⁰¹ entretanto, todos os escritos a que estamos nos referindo eram inteiramente escatológicos; como pode alguém chamá-los gnósticos? As Odes de Salomão são “tão gnósticas quanto o Novo Testamento, nem mais nem menos,” escreve Harris.²⁰² Novamente, “os hereges gnósticos usavam o Evangelho de Tomé, mas isso não significa que o escreveram,” observa R. E. Taylor.²⁰³ Se Paulo e João parecem falar como gnósticos, não é porque tivessem adotado idéias gnósticas, mas ao contrário; suas palavras é que foram torcidas para fins gnósticos, porque... “o gnosticismo do século II... é o produto de uma exegese defeituosa do Novo Testamento.”²⁰⁴ O apócrifo de Tiago pode facilmente receber uma interpretação gnóstica, lembra-nos Van Unnik, mas de idêntica forma o poderia a Bíblia.²⁰⁵

A explicação final de H. J. Schoeps sobre as anomalias gnósticas é que traz êste leitor de volta ao Livro de Mórmon, quase com um choque. Quando os falsos gnósticos começaram a pregar, as únicas pessoas que os enfrentaram, de acôrdo com Schoeps, foram os ebionitas, “os descendentes da igreja original de Jesus,” cuja reação é ainda preservada nas páginas dos Reconhecimentos Clementinos.²⁰⁶ Essa obra é cheia de jargão gnóstico, porém, empregado estritamente para desacreditar os pretensos gnósticos. Na realidade, todos os pontos principais da teologia ebionita correspondem aos ensinamentos dos Manuscritos do Mar Morto.²⁰⁷ Por que deveriam os cristãos recor-

rer a tal fonte? Êles realmente não o fizeram; acontecia apenas que aqueles ensinamentos eram os mesmos que os seus, embora, sem dúvida, isso não fôsse acidental.

As doutrinas reunidas imprecisamente sob o título genérico de “essenias,” de acôrdo com Schoeps, vem do tempo dos rechabitas, da época de Lehi. “Muitas e repetidas vezes novos grupos se dirigiam para o deserto, para realizar seus ideais” — o verdadeiro sistema de vida do povo do convênio, cujas idéias encontramos na literatura de Enoque, nos Jubileus e nos 12 Patriarcas.²⁰⁸ “Foi pela “imigração de grupos judaicos dissidentes” de tempos em tempos, que as sociedades existentes desde os dias dos rechabitas nômades “foram constantemente renovadas e regeneradas.”

Seria difícil imaginar um grupo mais típico de dissidentes, do que aquele que seguiu Lehi ao deserto. Causará surpresa se as doutrinas e práticas dos séculos subsequentes lembrarem tão de perto aquelas que se acharam nos manuscritos recém-encontrados? / *Continua.*

NOTAS

186. Sobre sua similitude com os clementinos, vide G. Quispel em *Vigiliae Christianae*, 12(1958), pág. 195. O. Cullmann in *Hibberts Journal* 60(1961), pág. 121; R. Roques, op. cit., págs. 202-204.
187. R. Roques, op. cit. págs. 196, 205. H. Köster, op. cit. págs. 226, 233; L. Guerrier, in *Patrologia Orientalia*, IX, 148.
188. R. Roques, op. cit., pág. 206.
189. H. Köster, op. cit., págs. 221, 236-7.
190. *Ibid.*, pág. 223.
191. O. Cullmann, op. cit., pág. 121.
192. J. Jeremias, in *Expository Times*, 69 (1957), pág. 7-9.
193. R. Eisler, *Iesus Basileus ou Basileusas* (Heidelberg, 1930), II, 18, 21, 356 699.
194. A. Adam, in *Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft*, Beiheft 24, pág. 79.
195. M. Gaster, *Studies*, I, 369.
196. R. M. Wilson, *The Gospel of Philip*, pág. 15.
197. F. C. Baur, *Die Christliche Gnosis oder die Christliche Religions-Philosophie*, (Tübingen, 1835), pág. 10.
198. J. Munck, in *Studia Theologica*, 15(1961), pág. 195.
199. R. P. Casey, in H. Davies e D. Daube (eds), *Eschatological Background of the New Testament*, pág. 56.
200. *Ibid.*, pág. 76. W. R. Schoedel intitula seu trabalho de “*The Rediscovery of the Gnosis*,” in *Interpretation*, 16(1962), págs. 387-401.
201. M. Bouyer, in *Journai of Theo-*

logical Studies, N.S. 4(1953), págs. 188-203.

202. H. J. Schoeps, *Urgemeinde, Judentum, Gnosis*, pág. 30.

203. J. Matter, *Histoire Critique du Gnosticisme* (Paris 1828), I, 45; R. A. Lepsius, *Der Gnosticismus...* (Leipzig, 1896), págs. 20, 22 e 25. E. Buonaiuti, *Lo Gnosticismo* (Roma 1907), pág. 11. Sobre os Padres da Igreja vide H. Leisegang em *Die Gnosis* (1924), pág. 3.

204. F. C. Baur, op. cit., pág. 3 (Mosheim). A teoria oriental é defendida por C. W. King, *The Gnostics and their Remains* (Londres, 1887), pág. 3; W. Bousset, *Hauptprobleme der Gnosis* (Göttingen, 1907), pág. 5; A. Altman, em *Essays in Honor of J. H. Hertz*, (I. Epstein et al. eds. Londres: Goldston, 1942), pág. 19; G. Widengren, in *Zeitschrift für Religion und Geistesgeschichte*, 4(1952), págs. 97/115.

205. R. Reitzenstein, *Poimandres* (Leipzig, 1904); H. Leisegang, op. cit., pág. 5; H. J. Schoeps, op. cit., págs. 31-34; F. Lexa, in *Egyptian Religion*, 1 (1933), págs. 106-116 até mesmo os ensinamentos gnósticos remontam do arcaico Egito.

206. Segundo Schubert, citado por Schoeps, op. cit., pág. 31.

207. Van Unnik, op. cit., pág. 22.

208. G. Quispel, *The Jung Codex*.

209. O. Cullmann, in *New Testament Studies*, 5(1959), pág. 166.

210. Schoeps, op. cit., págs. 39, 61.

211. P. Battifol, in *Revue Biblique*, N.S. 8(1911), pág. 33,177.

212. R. Abramowski, in *Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft*, 35(1936), págs. 44/46: “São gnósticos cristãos, mas não gnosticismo de especulação mitológica.”

213. A. F. J. Kliijn, *The Acts of Thomas* (Leiden, Brill, 1962), pág. 47.

214. R. Harris, *Odes and Psalms of Solomon*, págs. 12-16,20.

215. In *Vigiliae Christianae*, 8(1954), pág. 22.

216. Van Unnik, op. cit., pág. 87.

217. Peuch e Quispel, in *Vigiliae Christianae*, 8(1954), pág. 9.

218. Van Unnik, op. cit., pág. 57.

219. Para uma discussão geral, consulte R. M. Grant, *The Secret Sayings of Jesus* (Nova York: Doubleday, 1960).

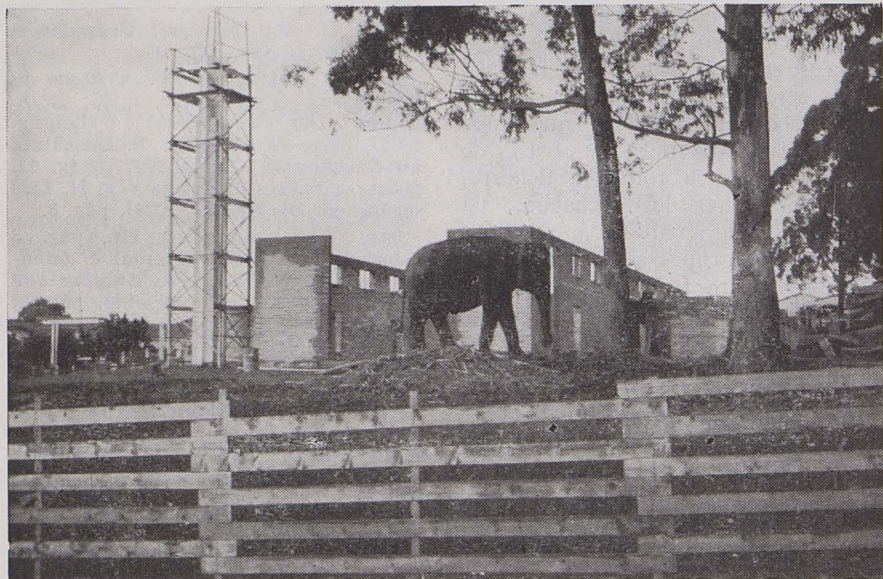
220. Para ensinamentos gnósticos básicos, consulte G. Quispel, in J. H. Waszink et al., *Het Oudste Christendom* (1951) I, 156, 162-5.

221. “... o conhecimento preconizado pelos professores gnósticos... era um conhecimento designado a subordinar a revelação de Cristo às especulações da filosofia humana,” H. L. Mansel, *The Gnostic Heresies of the First and Second Centuries* (Londres, 1875), pág. 8. Uma opinião contrária a esta é defendida por A. Harnack, *Dogmengeschichte*, I, 254, e uma outra, intermediária, é defendida por W. Völker, *Der wahre Gnostiker nach Clemens Alexandrinus* (Berlim, 1952), págs. 365, 381.

222. Irineu, *Contra Haereses*, I, 11,1.

223. R. Bultmann, *Das Urchristentum im Rahmen der antiken Religionen* (Zurique, 1949), pág. 181.

(continua na pág. 38)



← A construção da capela de Campinas ganhou um novo colaborador, desta vez bem avantajado. Ajeitando-se com as tarefas pesadas, tem prestado uma valiosa ajuda acelerando a obra e concorrendo com uma nota alegre ao trabalho. Sem dúvida, a presença de Fátima, a elegante aliá apressará a data de inauguração da única capela do mundo que possui uma elefanta construtora!

NOTÍCIAS



↑ Mais uma capela, das inúmeras que têm sido concluídas ultimamente, foi inaugurada no dia 24 de julho p.p. Trata-se da Ala II, que no domingo de inauguração apresentou uma bela conferência. Liderada por várias autoridades, foi assistida por grande número de santos.



← Desembarcou no aeroporto de Congonhas, a 26 de julho passado, o novo presidente da Missão Brasileira, Lloyd R. Hicken, acompanhado de sua esposa Alice e filhos. Recebido por numerosas pessoas, destacando-se entre elas o presidente Wayne M. Beck, da Missão Brasileira, o presidente da Estaca de São Paulo, Walter Spät e outras autoridades; na ocasião, o novo presidente pronunciou palavras expressando sua satisfação pela designação recebida.

Quando nós, jovens, ouvimos a palavra *sacerdócio*, “o poder de agir em nome e em favor de Deus, raramente percebemos que é *vivendo* e não somente abençoando o sacramento que se descobre que aquele dom espiritual é para nós. Ele não existe apenas para ajudar o Pres. McKay a dirigir a Igreja, as Autoridades Gerais a executarem a vontade de Deus, o bispo a presidir a ala, o conselheiro do quórum a nos ensinar a estabelecer o exemplo, ou os mestres familiares a nos ajudarem a resolvermos nossos problemas, mas também, para que vivamos de modo tal a sermos bem sucedidos enquanto ainda jovens!

Reflitamos: possuímos o poder de Aarão e de João Batista, o qual nos é conferido aos doze anos; poderemos, depois, receber o poder de Moisés, de Elias e de Nefi. Mas, como portadores do sacerdócio, devemos ser dignos, limpos de corpo, mente e lábios.

Devemos ser obedientes às escrituras, leis e mandamentos. Devemos ser constantes na Igreja, com nossa família, com nossos amigos, com nossos ideais. E o mais importante, devemos ser ativos nos jogos, no trabalho e no sacerdócio.

Para sermos dignos portadores do sacerdócio, devemos honrá-lo e o melhor modo de conseguir isso é usá-lo e aceitar as suas responsabilidades. Sim, administrando aos enfermos, realizando ordenanças, ajudando os líderes de nossa religião a dirigir os assuntos da Igreja.

Entretanto, também é para que os jovens meçam forças com a própria vida. Isto é o que as moças almejam, pois buscam liderança nos rapazes que podem conseguí-la, pelo fato de possuírem as chaves de uma experiência

de nível superior aqui na terra e que nos pode dar força adicional nas ocasiões de compromisso. Podemos receber o poder de Deus por meio do sacerdócio, a fim de que nos ajude a evitar e resistir às tentações da carne nos momentos mais tensos e difíceis. Se exercitarmos o sacerdócio a fim de que nos ajude a evitar tais situações e buscarmos o seu poder, teremos coragem de dizer *não* aos copos de cerveja, ao cigarro, à crescente multidão que nos incita a pisar, roubar, enganar e destruir.

Com Deus ao nosso lado, o que importa que fulano não esteja conosco? Thomas Jefferson declarou, “Faze o que sabes ser correto e tudo sairá bem.”

Como portadores do sacerdócio, podemos invocar o poder de resistir aos maus costumes do meio-ambiente, quando estivermos longe de casa; de jurar ou contar piadas sórdidas, de agir com crueldade ou agir imprópria-mente em trabalho.

Somos acrescidos de sabedoria ao resolvermos o problema de sermos jovens. É surpreendente como fazer um pequeno jejum, orar e honrar o sacerdócio de que somos portadores pode trazer solução aos nossos problemas — ou quando partilharmos com um amigo um pouco daquilo que reconhecemos ser aconselhável. Estas podem ser as qualidades e bênçãos do portador do sacerdócio, se vivermos dignamente diante do Senhor.

Estejamos bem atentos ao sacerdócio e não nos atemorizemos de usá-lo. Façamo-lo um instrumento diário e não somente um hábito dominical. Alertemo-nos quanto ao seu significado e poder, reconhecendo o dom espiritual que podemos levar em nossas almas através de sua posse.



Sacerdócio

Aarônico

ESCOLA DOMINICAL

(continuação da pág. 25)

liar a fazer o bem, enquanto que o diabo constantemente nos influencia a praticar o mal. Nós tomamos a decisão e é esta decisão que nos torna bons ou maus. Como ensinou Amulek, é possível que os homens mortais se tornem sujeitos ao poder de Satanás, ao seguirem o caminho do pecado, da desobediência e da recusa ao arrendimento.

Lúcifer, o filho da manhã, é real. Pode exercer, e realmente exerce, seu poder e influência, tanto sobre a capacidade física como intelectual do homem, como foi testemunhado por Joseph Smith na ocasião de sua primeira visão. Esta verdade também se tem tornado conhecida de muitos outros indivíduos nesta vida mortal.

Satanás é um ser espiritual que permanece à frente de um exército de maus espíritos constantemente ameaçadores, tentando retardar o progresso crescente do reino de Deus. Ele elabora de muitas maneiras os meios de desviar os homens das sendas justas. É mais do que inimigo declarado de Deus e do homem. É o pai das mentiras e das decepções. É inimigo e adversário de Jesus. É acusador dos irmãos. Não trabalha para criar, e sim para destruir. Tem o poder de se transformar em anjo de luz. Pode imitar as coisas de Deus. É aquele que procurou privar do homem o que segue em importância à própria vida: o direito de escolher. É e sempre será um inimigo de Deus, da verdade e da retidão. É um filho espiritual de nosso Pai Celestial, que foi expulso de Sua presença por sua rebeldia e chama-se Perdição.

CIÊNCIA E RELIGIÃO

(continuação da pág. 35)

224. G. Quispel, in *Het Oudste Christendom*, I, 152.

225. J. Doresse, in *Bulletin de l'Institut Egyptologique*, 31, pág. 409; J. P. Steffes, *Das Wesen des Gnosticismus* (Paderborn, 1922), Ch. I (págs. 35-45); H. Gunkel, *Zum religionsgeschichtlichen Verständnis des Neuen Testaments* (Göttingen, 1903), pág. 36.

226. R. M. Wilson, *The Gospel of Philip*, pág. 16 e in *Vigiliae Christianae*, 9, pág. 221.

227. A. Adam, in *Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft*, Beiheft 24, pág. 77.

228. M. Black, *The Scrolls and Christian Origins*, pág. 63.

229. *An Approach to the Book of Mormon*, pág. 127.

230. W. Brownlee, in *The Biblical Archaeologist*, setembro de 1960, pág. 50 e nota nº 2.

231. R. H. Charles, *Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*, II, 786.

232. F. M. Cross, in *The Christian Century*, 72(17 de agosto de 1955), pág. 944.

233. H. J. Schoeps, op. cit., pág. 68.

234. Epifânio, Adv. haeres, in *Patrologia Graeca*, 41:236, 256-7, 284, 405, etc.

235. R. M. Wilson, op. cit., pág. 15.

236. H. Nibley, *The World and the Prophets* (Cidade do Lago Salgado: Deseret Book Co.), pág. 58.

237. Eusébio, *Church History*, I, 4, 5.

238. Irineu, *Contra haereses*, IV, 33, 8, in *Patrologia Graeca*, 7:1077.

239. Eusébio, *Church History*, III, 32, 7.

240. H. Nibley, in *Church History*, 30(1961), págs. 10-11.

241. Eusébio, loc. cit.; Epifânio diz que chamaram a si mesmos gnósticos, in *Patrologia Graeca*, 41:329. São falsos profetas, falsos apóstolos e falsos professores, de acórdo com os *Reconhecimentos Clementinos*, IV, 35 in *Patrologia Graeca*, 1:1330. Eusébio inicia sua história comunicando a intenção de desmentir "os que apoiavam aquilo que

falsamente chamavam de gnose," (*Church History*, I, 1, 1. "Desejam ser denominados gnósticos, mas na realidade não o são," escreve Epifânio in *Patrologia Graeca*, 41:1012.

242. Discutido por H. J. Schoeps, op. cit., pág. 34.

243. P. Neander *Antignostikus* (Berlim, 1825), Introdução.

244. C. H. Dodd, *The Bible and the Greeks* (Londres, 1935), pág. 248.

245. Van Unnik, op. cit., pág. 43.

246. J. Morris, in *Past and Present*, 3 (1953), pág. 9.

247. C. Schmidt, *Gespräche Jesu mit seinen Jüngern*, pág. 204.

248. A. Harnack *Dogmengeschichte*, I, 250(1931 ed.).

249. *Ibid.*, I, 246, 250.

250. R. M. Wilson, op. cit., pág. 4.

251. In *Het Oudste Christendom*, I, 152.

252. Van Unnik, op. cit.

253. Van Unnik, op. cit., pág. 23.

254. Schoeps, op. cit., págs. 35, 44;

H. Nibley in *Church History*, 30(1961), pág. 10.

255. Schoeps, op. cit., pág. 44.

256. *Ibid.*, pág. 41.

257. Eusébio, *Church History*, III, 26, 2.

258. Sobre estes pontos, vide H. Nibley, in *Vigiliae Christianae*.

259. Irineu, *Contra haereses*, I, 39, 1; cf. Eusébio, *Church History*, IV, 7.

260. C. Schmidt, op. cit., págs. 169, 202, 204, 229, 374.

261. *Ibid.*, pág. 336.

262. R. Harris, *Odes of Solomon*, pág. 13.

263. R. E. Taylor, in *Christianity Today*, 4(1960), pág. 3; Van Unnik, op. cit., pág. 42, observa que os gnósticos geralmente "introduziam" material não-gnóstico "para favorecer sua interpretação"; doravante não será difícil duvidar da origem desse material, devido à sua associação suspeita.

264. R. M. Wilson, op. cit., pág. 16.

265. Van Unnik, in *Vigiliae Christianae*, 10(1956), pág. 152.

266. Schoeps, op. cit., págs. 41-43, 61.

267. *Ibid.*, págs. 77-85.

268. *Ibid.*, pág. 85. Cf. 80-84.

para outubro:

JÓIA SACRAMENTAL

Escola Dominical Sênior

João 15:9-10.

Escola Dominical Júnior

João 15:14.

RECITAÇÃO EM CONJUNTO

Curso 7: 2 Nefi 9:8.

Curso 4: 2 Nefi 9:28.

HINOS DE ENSAIO

Escola Dominical Sênior

"De que rumo vêm os homens?" n.º 91.

Escola Dominical Júnior

"Louvor a Cristo, o Senhor," n.º 20.

LENTO

ALEXANDER SCHREINER

PROGRAMA NOITE FAMILIAR

LIÇÕES PARA OUTUBRO

1.ª SEMANA

O AMOR DE JESUS CRISTO

Introdução:

Este programa poderá ser feito com uma outra família da vizinhança, amigos ou parentes, que compartilhem com vocês um sentimento de amor e apreciação por nosso Salvador.

Se, entretanto, sua família preferir executá-lo sozinho, deixe que o mesmo seja dirigido por um dos filhos.

Apresentação:

A seguir estão algumas idéias que podem ser usadas pela pessoa que vai dirigir; deverá iniciar dizendo: Cada pessoa presente é filha do Pai Celestial. Ele nos colocou na terra com um "propósito sábio e glorioso": obter um corpo e nos provar antes de retornarmos à sua presença.

O propósito desta reunião é fortalecer os componentes de nossa família no que se refere à fé em nosso Salvador.

Lição:

Inicie perguntando o que as histórias contadas por Jesus significam; vocês as consideram como belos contos de muito tempo atrás, mas não relacionados com a nossa vida terrena? Ou os consideram como acontecimentos intimamente ligados à sua vida?

Mostre uma gravura da última ceia e continue a narração:

Era quinta-feira da semana da Páscoa. Dentro de poucas horas Jesus consumaria sua obra sofrendo a morte na cruz. Estava reunido com os apóstolos em comemoração à Festa da Páscoa e sabia que aquela seria a última refeição feita junto com os homens que haviam estado ao seu lado, mas os apóstolos nem sonhavam com isso. O coração de Cristo estava transbordando de alegria por seus apóstolos; lavou seus pés, cantou com eles e orou ao Pai pelo seu futuro bem-estar.

Já ouvimos muitas vezes a história de como abençoou o pão e o vinho, relembrando aos apóstolos o seu futuro sacrifício e o sangue que seria derramado. Estamos ligados àquele acontecimento porque o mesmo continua presente em nossa vida quando participamos dos emblemas do sacramento no dia do Sábado.

As palavras proferidas por Ele, apesar de dirigidas aos apóstolos, são para nós, pois nos ama como os amou. Seu amor por nós é profundo. Pensemos nesse amor enquanto ouvimos as palavras que pronunciou nessa ocasião. (Cada passagem deverá ser lida por familiares previamente designados.)

João começou a história da Última Ceia com estas palavras: João 13.1.

Eis as palavras de Cristo aos apóstolos e também a nós: João 13:33-35; 15:9-10; 12-13. Mostre a figura de Jesus no Getsêmani e continuei:

Imediatamente após a reunião, Jesus e os apóstolos dirigiram-se ao portão da cidade, atravessaram o rio Cedrom e chegaram ao Jardim de Getsêmani, no Monte das Oliveiras.

Esse belo jardim era um dos locais preferidos de Jesus, que o freqüentava à miúdo com seus amigos. Sabemos que deixou oito dos apóstolos perto da entrada e Pedro, Tiago e João de sentinela, retirando-se a um recanto êrmo para orar. Pouco depois os apóstolos dormiam, inconscientes do sofrimento do Líder. Foi nesse lugar que Jesus orou: (Lucas 22:42) Sua agonia era tão grande que suou gotas de sangue. Mostre a figura de Jesus sendo crucificado ou carregando a cruz; continuei.

Jesus saiu do Getsêmani vitorioso, mas agora todos seus passos O levariam a enfrentar a traição, o aprisionamento, as acusações dos líderes judaicos, o julgamento diante de Pilatos e o Calvário. Carregou a cruz sabendo que poderia escapar dos executores. Entretanto, preferiu dar sua vida a nós.

Seu sangue derramado e seu corpo ferido trouxeram novo significado às palavras pronunciadas horas antes:

"Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a própria vida em favor de seus amigos."

O grande débito que cada um tem para com Cristo está claramente expresso nas palavras do profeta Isaías, que diz: (Lucas 23:44-46)

O Livro de Mórmon descreve a escuridão deste hemisfério, como fora profetizado, e que era o sinal de que Cristo havia sido crucificado: (III Nefi 8:5-6, 17:20-22). Não há dúvida de que esse sinal era para nós; temos a declaração do próprio Salvador a Joseph Smith. Ele declarou: (D&C 18:11).

Ao tomarmos consciência do grande amor de Jesus, não nos devemos esquecer do amor do Pai pelo Filho. Segundo as palavras de João, (I João 4:9-10; leiam juntos essa passagem.)

Mostre a figura do Senhor Ressurreto; continuei: O corpo de Jesus foi removido da cruz e delicadamente colocado numa tumba emprestada. Os que o cercavam estavam entristecidos. Mesmo os apóstolos falharam em compreender as palavras que havia pronunciado durante a ceia: (João 16:20-22)

Quando a notícia da sua ressurreição espalhou-se, a tristeza transformou-se em alegria. Jesus andou e falou com os apóstolos e outras pessoas; vários tocaram as marcas de suas mãos e de seus pés. Souberam que era Ele, o Salvador Jesus Cristo que tinha sido

crucificado e sepultado na tumba. Ele sobrepujara a morte!

Assim, hoje à noite nossa vida tornou-se diferente porque compreendemos o significado da morte e da ressurreição de Jesus. Devido ao que aconteceu, não precisamos ter medo da morte e sempre acordaremos cheios de esperança, sabendo que podemos obter a vida eterna.

Depois dessa narração peça a três pessoas para fazerem pequenos discursos de improviso (não deverão ultrapassar os três minutos), baseados nos temas: "Porque amo Jesus;" "O que Jesus significa para mim" e "A diferença que a expiação de Cristo tem feito em minha vida."

Atividade:

"Correio"

Riscam-se no chão pequenos círculos, todos em torno de um ponto central e a igual distância dele. Cada rodinha é ocupada por um participante, ficando no centro do grupo um jogador sem lugar marcado. Cada pessoa, inclusive a do meio, anuncia o nome da cidade que vai representar.

Para iniciar, o jogador do centro diz: "Vai uma carta de... Curitiba a Belém", por exemplo. Os participantes que representam estas cidades trocam de lugar entre si, enquanto a do centro procura apossar-se de um círculo. Basta pôr o pé dentro de uma rodinha, para garantir a sua posse. Quando duas crianças disputam o mesmo lugar, a ele tem direito quem chegou primeiro. Quem sobra vai para o centro nomear outras duas cidades. (É claro que ninguém pode chamar a própria cidade.)

A pessoa que, após três tentativas, não conseguir um lugar para si, diz: "Carta para todas as cidades," sendo então obrigatória a troca geral de lugares. *Variantes:*

Em lugar de cidades, os participantes representam Estados do Brasil, países de determinado continente ou quaisquer países. Outras variantes são realizadas com marcas de automóveis, frutas, flores ou pássaros.

PROGRAMA SUGERIDO

Hino: "Ó Meu Pai", n.º 180.
Cântico Popular: Por toda a família.

Lição/Objetivo: Dar aos familiares a oportunidade de saberem do grande amor que Jesus tem por nós, pois que sofreu e morreu para que pudéssemos sobrepujar a morte e o pecado.
Memorização: João 15:12-13.
Atividade: "Correio".

Hino: "Que Firme Alicerce", n.º 49.

Oração:
Lanche: Cangica.

Introdução:

Nesta e nas próximas lições aprenderemos sobre a missão do Espírito Santo e a forma que ele pode nos ajudar, testificando-nos a "verdade de todas as coisas" (Moroni 10:4-5) e nos orientando a fazer o que é certo.

Explique aos filhos menores que ele é membro da Trindade e uma "Personagem do Espírito" (D&C 130:22), em vez de alguma entidade desconhecida e desorientadora.

Será bom notar que o Salvador, antes de ter nascido como filho primogênito do Pai, também foi um personagem de espírito.

Lição:1. *Necessidade de conselho e advertência*

Use a seguinte ilustração, para ajudar a família a ver que há necessidade de conselhos:

Imaginem que, sòzinhos, deixarão o lar pela primeira vez e mudarão para uma grande cidade, onde ninguém os conhece. Pergunte: Vocês necessitariam de alguma ajuda? De que modo? (Para se estabelecerem.)

Peça aos membros para enumerarem o que precisarão saber; sugestão:

- encontrar um lugar agradável para viver
- saber os horários de ônibus
- localizar lojas
- encontrar trabalho
- localizar a Igreja
- verificar o nome de um bom médico, dentista, etc.

Seu pai os ama e está preocupado com vocês; por isso pede para alguém aconselhá-los sobre os itens acima.

Sabendo que seu pai conversou com alguém para ajudá-los, o que fariam? (Entrariam imediatamente em contato com essa pessoa.)

Como se sentirão em relação a seu pai, que pediu à pessoa para ajudá-los?

Como se sentirão ao saber que essa pessoa está ansiosa por ajudá-los?

2. *O Pai envia o Espírito Santo para nos ajudar*

Explique que, apesar da saída do lar ter sido imaginária, compreendemos através dela que o Pai estava preocupado conosco quando deixamos o lar celestial. Enviou o Salvador para nos ensinar a viver, mas sabia que Jesus não poderia viver sempre na terra, apesar de necessitarmos de sua orientação.

A ajuda que necessitávamos foi prometida pelo Salvador, mas nos foi dito que viria "outro Confortador." Ele disse aos apóstolos: (João 14:16) Leiam juntos João 14:26 para saberem o que o Consolador fará. Explique que o Espí-

rito Santo executa a vontade do Pai. Leiam juntos D&C 18:18 para saberem como pedir sua ajuda. Quando o Espírito Santo nos ajuda, ele manifesta o seu amor por nós.

3. *Todos necessitam da ajuda do Espírito Santo*

Lembre à família que quando se "mudaram" para a outra cidade, verificaram que precisariam da ajuda de alguém para se estabelecerem. O Pai Celestial soube que teríamos necessidades físicas como alimento, roupa, abrigo, etc. e tudo providenciou para suprir essa necessidade. Soube, também, que necessitávamos de outros auxílios; quais são eles?

- ajuda para tomar a decisão certa
- ajuda para aprender a fazer amigos
- orientação para propagar o evangelho
- ajuda para obter o testemunho do evangelho.

Encerre este tópico explicando que as necessidades já mencionadas são algumas das muitas com que poderemos nos defrontar durante a vida. Refira-se novamente a João 14:26 e explique que o Espírito Santo pode nos orientar, se o permitirmos.

4. *O Pai deseja que o Espírito Santo seja o nosso companheiro*

O Pai Celestial enviou o Espírito Santo para ser nosso companheiro porque nos ama e deseja que vivamos com Ele novamente. Mas isso depende de nós mesmos, pois devemos nos mostrar dignos desse privilégio. Leiam juntos I Coríntios 12:3 para saberem porque isso é assim. Explique, depois que esta passagem significa que o testemunho da missão do Salvador vem através do Espírito Santo.

Esclareça que, desde que o Pai não nos obriga a fazer o que é certo, dependerá de nós o gozo da companhia do Espírito Santo. Para têmos o Espírito Santo conosco, devemos:

- Ter o dom do Espírito Santo conferido a nós pela imposição das mãos após o batismo.

- Desejar ter o Espírito Santo para ser nosso companheiro.

- Fazermos o possível para sermos dignos da companhia do Espírito Santo.

- Pedir ao Pai Celestial para nos enviar o Espírito Santo.

Quando somos confirmados membros da Igreja, recebemos o dom do Espírito Santo.

5. *Tentaremos ter a companhia do Espírito Santo em nosso lar*

Quando o Espírito Santo é nosso companheiro, realizamos muitas coisas. Somos mais felizes, porque sob sua influência faremos as coisas certas.

Pergunte: Quais são algumas das condições e experiências que propiciam um lar feliz? (Bondade, amor, compaixão, unidade de crença, unidade de propósitos, orações familiares, atividades familiares, etc.) Explique que um lar como o mencionado acima teria a companhia do Espírito Santo.

Lembre à família que, entretanto, ninguém receberá ajuda, a menos que a deseje verdadeiramente. Conclua a lição com esta pergunta: Como devemos procurar a ajuda do Espírito Santo, a fim de que nossas ações contribuam para um lar mais feliz?

Atividade:

"Capturar a bandeira"

Arranje um lenço colorido — a "bandeira."

Organizam-se partidos iguais. Se houver quatro grupos, dois serão de defensores e dois de atacantes; só existindo número para três grupos, um será de defensores e os outros dois de atacantes. Estes escolhem um chefe.

Põe-se a bandeira junto a uma árvore (poste ou cadeira), em torno da qual dispõem-se os defensores. Os atacantes dispersam-se pelo terreno, onde se marcam duas prisões "ocultas," sendo uma para cada equipe. Os atacantes assinalam, além disto, a certa distância da bandeira, o lugar onde começa o seu campo.

Ao sinal de início, os atacantes tentam apoderar-se da bandeira e levá-la para o seu campo. Os outros jogadores procuram impedi-los, pegando-os e os mandando para a prisão. O chefe dos atacantes não pode ser apanhado, mas tem o direito de pegar os defensores e de aprisioná-los. A sua função principal é a de afastar os defensores dos jogadores que fazem o ataque. Qualquer participante pode libertar, com um toque de mão, um companheiro capturado, desde que não seja tocado antes de chegar à prisão inimiga.

Decorrido certo tempo, a vitória é dada ao lado que atingiu o seu objetivo, isto é, para uns a conservação da bandeira e para outros a sua conquista.

PROGRAMA SUGERIDO

Hino: "O Mundo Desperta," n.º 136.

Dração:

Explicação: Pela mãe, sobre o que significa do "Mês da Criança."

Lição/Objetivo: Ajudar cada familiar a fazer um esforço especial a fim de seguir a orientação do Espírito Santo, mantendo puros os seus pensamentos.

Memorização: Provérbios 23:7.

Atividade: "Capturar a bandeira."

Hino: "Ó Doce, Grata Oração," n.º 219.

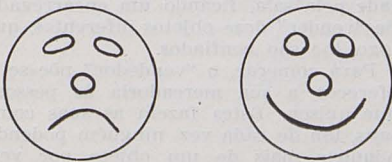
Oração:

Lanche: Rocambole de leite condensado.

Lição:**1. Nossa reação contra as condições adversas**

Se a família consiste de jovens e adultos, inicie dizendo que todos estão cientes dos vários problemas que o mundo enfrenta atualmente, tais como guerras, crimes e violências, imoralidade, alcoolismo, problemas raciais, etc. (Faça um breve apanhado destas condições; saliente que muitas pessoas vivem com medo do que pode acontecer, pois se preocupam com as condições do mundo.) Leia D&C 88:91, que descreve as condições vigentes no mundo de hoje. O Senhor deu essa revelação ao Profeta Joseph Smith em 1832.

Se há crianças na família, desenhe as figuras mostradas abaixo. Peça para apontarem a figura que está triste. Pergunte-lhe o que poderia ter acontecido para o dono desse rosto ficar feliz. Depois faça o mesmo com a figura triste. Baseie-se neste exemplo para melhor ilustrar o tópico em discussão:



Joãozinho machucou-se enquanto brincava e apareceu (mostre a figura triste) com este rosto. Sua mãe fez um curativo na perna ferida e foi muito amável com ele. Aí Joãozinho ficou assim (mostre a figura alegre.)

Quando se está triste e uma pessoa é bondosa conosco, logo ficamos confortados. Quem propicia conforto é consolador.

Todas as pessoas, sejam adultos ou crianças, precisam de alguém que as conforte quando as coisas saem erradas. A pessoa que conforta é a que dá carinho, esperança e encorajamento.

2. O Espírito Santo é consolador

Os pioneiros mórmons precisavam de conforto quando foram expulsos de seus lares, pois não tinham para onde ir. Quais seriam seus sentimentos? (deixe as crianças responderem) Ainda assim seus corações não esmoreceram e apresentaram um espírito alegre durante a longa caminhada. No hino "Vinde, ó santos," leia a frase que mostra como os santos foram confortados quando estavam preocupados, temerosos ou amargurados:

"SEM AFLIÇÃO, EM PAZ E SEM TEMOR, ENCONTRAMOS UM LAR."
 "NÃO DEVEIS DESANIMAR SE TENDES DEUS PARA VOS AMAR."
 "TUDO BEM! TUDO BEM!"

Quando os santos sentiam-se infelizes, pediam conforto a alguém. A quem? (Ao Espírito Santo. Ele era o seu Consolador.)

A seguinte ilustração poderá ser usada para mostrar como o Espírito Santo opera como um Consolador:

Na noite anterior à crucificação de Jesus Cristo, Ele falou e orou com os apóstolos; mas naquela ocasião eles não compreenderam completamente todas as coisas que iriam acontecer. Entretanto, Jesus sabia que iria morrer no dia seguinte e que seus apóstolos ficariam sós, desolados e temerosos. Suas palavras mostram que Ele sentia preocupação por seus discípulos; disse-lhes que não os deixaria sem conforto, pois que após sua partida o Consolador, isto é, o Espírito Santo viria a eles.

Peça à família para ler os seguintes versículos, que são algumas das palavras do Salvador aos apóstolos; veja se os familiares conseguem descobrir algumas das razões de Jesus haver chamado o Espírito Santo de "Consolador:" João 14:16-18; 14:26-27.

Pergunte: Como poderia Jesus dar aos apóstolos a paz ou o sentimento de conforto após sua partida? Ele trabalharia através do Consolador para dar conforto aos apóstolos, que sentiam-se tristes por causa de sua crucificação.

Por que o Espírito Santo foi chamado de o Consolador? Os apóstolos não estariam sós; o Espírito Santo permaneceria com eles e os confortaria. (Os adultos, se o desejarem, poderão ler João 15:26 e 16:7-13.)

Quem poderá ter o Consolador? D&C 39:6 nos esclarece a forma de gozarmos a paz e o conforto do Espírito Santo. Leia essa passagem junto com a família.

3. Seremos confortados pelo Espírito Santo se diligentemente procurarmos o Senhor

Os familiares deverão pensar em algo triste ou algo que se apresenta como um obstáculo à vida. Qualquer que seja o motivo, precisarão do conforto do Espírito Santo.

Pergunte: Como poderemos obter a ajuda do Consolador para sobrepujarmos os aborrecimentos que enfrentamos diariamente? Devemos desejar a sua ajuda e orar fervorosamente para substituir os pensamentos negativos pelos que Ele nos inspira. Peça à família para ler I Nefi 10:17, para encerrar este tópico.

Designação:

Durante a próxima semana cada membro da família poderá procurar a ajuda do Consolador, através de orações ao Pai Celestial.

Cada qual deverá ser sensível aos sentimentos de infelicidade dos outros

familiares e orar para que o Espírito Santo traga paz e conforto à pessoa em dificuldades. Se algo triste ou aborrecido acontecer, a família toda deverá trabalhar unida, a fim de sobrepujar os sentimentos infelizes e receber a ajuda do Consolador, que certamente o Pai enviará, se o procurarmos diligentemente.

Atividade:

"Soletrar com gestos"

Os participantes sentam-se em um semicírculo, tendo ao centro o orientador. Este tem uma lista de palavras, que já preparou, caracterizadas todas pela frequência com que contém as letras *a* e *t*. Esclareça aos jogadores que lhes caberá soletrar as palavras anunciadas, mas que é proibido pronunciar as letras *a* e *t*. Em lugar da primeira, devem levantar a mão direita e, em vez da segunda, a esquerda.

Para iniciar, o orientador aponta para um participante, diz-lhe uma palavra de sua lista (batata, gato, toca, teia, etc.) e se põe a contar de um a dez. Se o jogador indicado acerta, antes de terminada a contagem, ganha um ponto, prosseguindo a brincadeira com outra palavra e nova pessoa apontada. A palavra *gato*, por exemplo, é soletrada assim: *g*, mão direita para o alto, mão esquerda para o alto, *o*. Depois de interrogados todos duas vezes, apuram-se os vencedores do jogo, ou seja, quem conseguiu mais pontos.

Variante:

Tendo o grupo dominado bem a brincadeira, usam-se sistemas mais complicados, como por exemplo: *a*, levantar a mão direita; *t*, levantar a mão esquerda; *i*, tocar um olho; *u*, apontar o dirigente. Outros sinais podem ser: assobiar, sacudir a cabeça, bater uma palma, etc.

PROGRAMA SUGERIDO

Hino: "Palavras de Amor," n.º 96.

Oração:

Dublagem: Pelo filho menor.

Lição/Objetivo: Motivar os familiares a usarem a influência do Espírito Santo para confortá-los nos desapontamentos e preocupações.

Memorização: João 14:26-27.

Atividade: "Soletrar com gestos."

Hino: "Deste Mundo as Flores Mil," n.º 20.

Oração:

Lanche: Manjar branco.

Introdução:

Esta lição destina-se a ajudar os membros da família a fazerem um esforço maior para seguirem as inspirações do Espírito Santo.

Os pais têm uma grande responsabilidade, oportunidade e influência em edificar a pureza de pensamentos na vida de seus filhos.

Esta lição abrirá caminho para os pais falarem com seus filhos de forma franca e livre e num espírito de amor, sobre a importância de pensamentos puros com respeito aos seus corpos.

Lição:**1. A importância dos pensamentos puros**

Em uma das cenas do encantador filme "A Noviça Rebelde," Maria, a governanta, conforta as crianças sob seus cuidados, durante uma tempestade, fazendo-as pensarem em *suas coisas favoritas*. Ao pensarem em coisas agradáveis, as crianças esqueceram os seus temores.

Deixe cada um relatar brevemente as suas coisas favoritas.

Para ajudar os familiares a compreenderem como são importantes os seus pensamentos, discuta as seguintes questões:

Como se sentem quando pensam em suas coisas favoritas? (Dê a cada um a oportunidade de responder o que gostaria de fazer. Ressalte a idéia de que pensamentos agradáveis e felizes trazem sentimentos agradáveis e felizes.)

Vocês podem pensar ao mesmo tempo em suas coisas favoritas e nas que os amedrontam? (Não. Podemos pensar ou sentir apenas uma coisa de cada vez.)

É verdade que os nossos pensamentos controlam as nossas ações? Atrás de cada pensamento está uma ação. (Ajude cada familiar a pensar sobre suas experiências pessoais.)

Para melhor ilustrar como os nossos pensamentos controlam as nossas ações, cite os exemplos mencionados abaixo; se tiver experiências pessoais sobre o assunto, conte-as ao invés dos exemplos apresentados:

- Uma criança dirigiu-se à mãe e ofereceu-se para ajudá-la. O que a fez tomar essa iniciativa? (Seus pensamentos; ela pensou que sua mãe estava cansada e tinha muito o que fazer e por isso resolveu ir ajudá-la.)

- Um senhor visitou seu amigo que se estava recuperando de longa enfermidade. O que motivou esta ação? (A pessoa pensou em seu amigo e no quanto apreciaria a visita de um conhecido.)

Leia Provérbios 23:7 em voz alta e peça à família para dizer em suas palavras qual o significado deste versículo.

Encerre este tópico, mencionando que os nossos pensamentos nos fazem o que

somos — são eles que determinam o tipo de pessoas em que nos transformaremos.

2. Jesus deseja que tenhamos pensamentos puros

Por causa do pensamento ser tão importante, o Pai Celestial, através de Seu Filho, deu-nos o mandamento de que mantivéssemos nossos corações puros. Designe três membros da família para lerem os seguintes versículos: Mateus 5:8; Filipenses 4:8 e D&C 88:74 e peça-lhes, depois da leitura, que expliquem o que leram.

Entretanto, Satanás tem propósitos exatamente opostos aos do Pai. Ele se diverte em nos estimular a pensar em coisas impuras, para que percamos as bênçãos provenientes da prática de boas ações.

Leia Moisés 4:4 para salientar as intenções e planos malévolos de Satanás para conosco.

Mostre a seguinte frase, que um dos filhos deverá ter escrito antes do início da lição:

O SALVADOR QUER QUE TENHAMOS PENSAMENTOS PUROS
SATANÁS QUER QUE TENHAMOS PENSAMENTOS IMPUROS

Pergunte: De que lado vocês estão, do de Cristo ou do de Satanás? (Cada pessoa tem o direito de decidir por si mesmo. Cabe a nós escolhermos se obedeceremos ao Salvador ou a Satanás.)

3. O Espírito Santo nos ajudará a mantermos pensamentos puros

O poder do Espírito Santo consiste em nos ajudar a achar as respostas certas dentro de nós mesmos. Devemos aprender, com o auxílio do Espírito Santo, a disciplinar os nossos pensamentos, palavras e ações, para que não sejam impuros. Foi o Mestre que nos disse: Mateus 15:11.

O Espírito Santo é o nosso salvaguarda contra os pensamentos impuros. Saliente essa afirmativa, adicionando às frases já escritas as seguintes palavras:

O SALVADOR QUER QUE TENHAMOS: pensamentos puros e a inspiração do Espírito Santo
SATANÁS QUER QUE TENHAMOS PENSAMENTOS IMPUROS

Peça à família para ler João 14:26. Este versículo foi usado na semana passada e é familiar a todos. Depois pergunte: Se o Espírito Santo traz à nossa mente os preceitos que Jesus ensinou, haverá lugar para pensamentos impuros? Por que? (Refira-se às frases escritas há pouco. Se o Espírito Santo nos inspirar a lembrarmos dos ensinamentos do Salvador, nossos pensamentos

serão puros e não haverá lugar para pensamentos maus.)

Designação:

Comente com a família sobre a importância de ouvir cuidadosamente as inspirações do Espírito Santo e resolvam a forma que usarão para seguir sua orientação nos seguintes tópicos:

- Cada qual deverá estar atento à inspiração do Espírito Santo, sempre que for levado a ter pensamentos impuros.

- Cada qual ouvirá as inspirações do Espírito Santo e tentará substituir os pensamentos impuros pelos puros.

Os pais poderão falar com cada filho em particular, sobre o progresso ao seguir a orientação do Espírito Santo, a fim de evitar os pensamentos impuros. As crianças em geral falam livremente quando sentem que os pais as amam e têm genuíno interesse por seu bem-estar.

Atividade: "Vendedor arrependido"

Os participantes, são dispostos à vontade pela sala, ficando um encarregado de "vender" doze objetos diferentes, que logo lhe são confiados.

Para começar, o "vendedor" põe-se a oferecer a sua mercadoria às pessoas que quiser. Estes fazem as suas compras, um de cada vez, ninguém podendo adquirir mais de um objeto por vez. Para confundir o vendedor, os compradores fingem indecisão, pedem abatimento, mudam de escôlha à última hora, depois de tudo resolvido não fecham o negócio, etc. Cada objeto comprado é imediatamente escondido pelo adquirente. Assim que o vendedor esgota o seu estoque, arrepende-se e procura reaver o que vendeu, solicitando aos compradores a sua devolução. Cada objeto que ele pede a quem de fato o "comprou", tem que ser devolvido, sendo-lhe dados tantos pontos quantas coisas consegue recuperar. A brincadeira repete-se com outros vendedores e novos objetos, vendendo o jogo, após algum tempo, quem acumulou mais pontos.

PROGRAMA SUGERIDO

Hino: "Com Fervor Fizeste a Prece?", n.º 21.

Oração:

Explicação: Pelo pai, sobre o que é um planetário. Programar com a família uma visita ao mesmo, se houver um em sua cidade.

Lição/Objetivo: Inspirar os familiares a procurarem a companhia do Espírito Santo, para que tenham sua orientação.

Memorização: João 14:16.

Atividade: "Vendedor Arrependido."

Hino: "Entoai Sagrado Som, n.º 54.

Oração:

Lanche: Rabanadas.

A r t i g o de C a p a

Nem mesmo Salomão em tôda a sua glória, disse o Salvador, vestiu-se como a humilde flor dos campos, o lírio nativo dos vales de Israel.

Por que teria Deus colocado neste mundo as flôres, senão para permitir-nos vislumbrar um pouco do que de belo pode existir em reserva, no esperado dia dos juízos e das recompensas, para aquêles dentre os seus filhos que se fizerem dignos de receber a corôa de glória que lhes está preparada?

Nada há que se compare em esplendor e beleza a uma simples flor orvalhada. As delicadas nuances de côr, a leveza e graça do desenho, a delicadeza do perfume, tudo tem sido imitado pelo homem com todos os recursos da técnica moderna (mais apurada), mas até hoje ninguém conseguiu igualar a obra do Criador.

Nem os mais finos tecidos, as tintas mais delicadas, ou as essências mais preciosas, jamais conseguiram superar ou ao menos igualar a textura delicada das pétalas das camélias, o magnífico colorido dos crisântemos, ou o aroma das rosas.

E tudo isso, no dizer do Senhor, é apenas erva do campo que pela manhã cresce e floresce, de tarde corta-se e seca. Nós, porém, os filhos do Altíssimo, somos feitos para viver para tôda a eternidade.

Quando olhamos para as maravilhas que o Pai criou para uma vida de tão curta duração, e inteiramente enquadradas no reino das coisas materiais, que é tão infinitamente menos importante do que o das coisas espirituais, não podemos deixar de pensar na glória do homem, filho do próprio Deus. E isto, segundo dizia o apóstolo João, é o que nós já sabemos atualmente a nosso próprio respeito, entretanto, muito maior será a glória que nos estará reservada no futuro, porquanto "ainda não é manifestado o que havemos de ser" (I João 3:2).

Apenas uns rápidos vislumbres nos foram permitidos, e temos nada mais que descrições parciais que nos foram transmitidas pelos profetas que tiveram a oportunidade de ver a glória daqueles que alcançaram participar na primeira ressurreição, ainda que isso seja apenas uma parcela pequena do seu galardão eterno.

Tão impressionante era a figura do anjo do Senhor que visitou João na ilha de Patmos, que êste quis adorá-lo, cuidando estar na presença do próprio Deus, sendo impedido com a advertência: "Adora a Deus... eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas", o que valia dizer: "Sou como tu mesmo um dia te tornarás."

Experiência semelhante teve o profeta Joseph Smith ao receber o mensageiro que lhe trouxe as primícias da restauração do evangelho, Moroni, o general nefita. Tentando dar-nos um retrato escrito do personagem ressurreto, só lhe ocorreu dizer que "sua pessoa era gloriosa acima de qualquer descrição, e seu semblante como um vivo relâmpago."

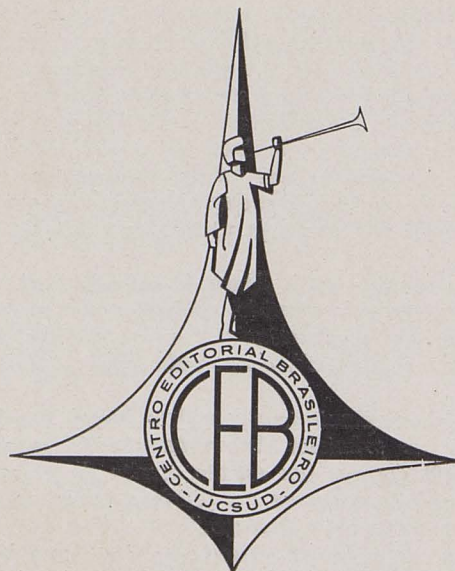
Que valem os encantos passageiros deste mundo em comparação com a imorredoura glória que nos espera? Quem trocaria os valores eternos que o Senhor tem preparado em suas muitas mansões, pelas honrarias e glórias perecíveis dêste mundo?

Entretanto muitos são os que passam os breves dias desta experiência terrena, afadigando-se em amalhar coisas, amontoando em torno de si o que de mais valioso lhes parece oferecer o mundo em flôres, frutos, pedras raras, metais preciosos, tecidos finos e alimentos requintados, como se fôsem êsses os prêmios mais desejáveis desta vida. Assim gastam os seus dias com a solicitude por tôdas essas coisas, embora com todo o seu labor e empenho, não sejam capazes de conseguir, nem os que mais alto sobem nas glórias do mundo, igualar-se ao que de mais simples e humilde o Senhor criou: a flor dos campos.

"Olhai os lírios do campo" e "não andeis solícitos pelo dia de amanhã, pelo que haveis de comer ou com o que haveis de vestir." Vêde as flôres da primavera que vos cercam, que não trabalham nem tecem, nem se cansam em busca de coisas materiais. Não sois vós mais que a erva do campo que o Pai assim veste?

Pois se Deus assim veste a erva do campo de tão pouca duração, e se tendes um valor muito maior à sua vista, não desperdiceis os vossos dias em busca de valores tão passageiros e frágeis. Se de alguma coisa precisardes, o Pai não vos deixará faltar, desde que obedeçais a voz de seu Filho Unigênito:

— "Buscai primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça, e tôdas essas coisas vos serão acrescentadas."



22 DEC 1966